EXEGESE BÍBLICA



Rafael S. Ribeiro

SUMÁRIO

	pág.
INTRODUÇÃO	03
Unidade I – Recursos exegéticos	05
Unidade II – Passo a passo na exegese	11
Unidade III – Qualidade dos exegetas	14
Unidade IV – Escritura e releitura	17
Unidade V – Problemas textuais	20
Unidade VI – Critérios de canonicidade	28
.Unidade VII – Princípios de interpretação	31
Unidade VIII – O Conhecimento dos contexto	39
Unidade IX – Paralelismo bíblico	41
Unidade X – Analogia da fé	45
Unidade XI – Criticismo bíblico	47
Unidade XII – Elaboração da exegese	51
APÊNDICES	56
CONCLUSÃO	78
BIBLIOGRAFIA	79

INTRODUÇÃO

Para se fazer uma exegese do A. Testamento, é necessário, antes de tudo ter-se uma visão panorâmica da situação veterotestamentária, como, por exemplo, ter um conhecimento geral da história, cultura, religião, cronologia, idiomas originais, etc.

Quem empreende analisar o Antigo Testamento deve conhecer os gênios da língua hebraica, pois o idioma hebreu, embora, não tendo evoluído muito além da sua fase nascitura é muitíssimo diverso de qualquer idioma ocidental conhecido; muito rico em sua polissemia, em sua linguagem figurada; em fim, uma riqueza vastíssima de estilos literários. Isso faz necessário ao estudante conhecer todo um contexto literário, histórico e etimológico.

Sem um conhecimento básico da estrutura linguística do Antigo Testamento, fica difícil ao pesquisador analisar satisfatoriamente o texto bíblico, logo, o não conhecimento das línguas originas constitui uma limitação ao mesmo. Uma forma prática, que não elimina, mas, diminui esta limitação é fazer uso das diversas versões existentes no idioma do pesquisador e se o mesmo tiver acesso a outras línguas deve valer-se deste conhecimento consultando o máximo possível de versões. Outro instrumento que pode tirar mais um pouco da limitação é a consulta aos dicionários etimológicos comentários exegéticos e outros compêndios que possam elucidar dúvidas.

A exegese é um método de leitura do texto; como a hermenêutica, ciência sua correlata. O exegeta, com frequência haverá de valer-se da hermenêutica para processar a sua análise textual.

Fazer exegese é ler o texto de modo científico, para do mesmo extrair as verdades nele implícitas. Geralmente, uma

visão meramente devocional e superficilista não abrange a totalidade do ensino que o autor quis exprimir. O exegeta visa, então, encontrar *"o tesouro escondido".* Aquela verdade que não está patente, mas, latente no texto e, que o leigo não pode perceber por lhe faltar o conhecimento técnico apropriado para tal. O leitor avisado da Escritura é aquele que a lê devocionalmente, mas, também, cientificamente.

É nosso intuito, antes de passar à exegese propriamente dita, dar uma introdução exegética; algumas luzes através das quais haverá de guiar-se o leitor científico das Escrituras.

Com essa introdução à exegese, passaremos, então, ao conhecimento de algumas regras fundamentais.

Unidade I

RECUSOS EXEGÉTICOS

1. DIFICULDADES NA COMPREENSÃO: As dificuldades encontradas na compreensão de um texto podem ser de natureza realmente objetiva, proveniente da sua própria estrutura redacional, por causa de uma questão sintática ou léxica:

a. Em se tratando de sintaxe, as dificuldades muitas vezes vêm a existir em virtude do tipo de concordância, ou pela forma de regência, ou ainda pela ordem de colocação de uma palavra ou expressão.

b. Já em caso de questões léxicas muitas dificuldades poderão surgir das palavras de uma frase, ou mesmo das letras de uma palavra. Encontrar a melhor tradução para um vocábulo ou expressões fundidas numa frase ou período lógico é um trabalho meticuloso a ser feito pelo exegeta.

c. Em razão de fatores como estes, ou ainda outros, existem textos que são obscuros, complicados e difíceis, e que só podem ser entendidos com algum, ou muito trabalho.

d. Para esclarecer passagens obscuras e apontar o sentido ou significado de textos difíceis, é que tem valor o recurso chamado *Exegese.* O exegeta precisa usar a analogia bíblica como ferramenta para compreender as Escrituras, valendo-se da máxima reformada de *Ascrituras com as Escrituras se interpreta.*

e. Pelo que se refere ao seu lugar entre os tratados teológicos, a exegese ocupa o primeiro lugar. Esta primazia da exegese, na enciclopédia teológica, não é sem motivo, pois em se tratando propriamente de teologia e não de *teodicéia*, a exegese representa o alicerce da teologia bíblica, enquanto esta, por sua vez proporciona o fundamento da teologia doutrinal, ou sistemática. Certos e determinados dogmas existem que podem ser derrubados ou confirmados em face de uma boa investigação exegética.[1]

2. ETIMOLOGIA DA PALAVRA

A palavra exegese vem do Grego *exégese,* de *ek* + *agéomai.* ek - (fora) *agéomai* (conduzir); *conduzir fora, fazer aparecer*. A exegese é o trabalho pelo qual o exegeta faz aparecer o sentido de um texto. Exegese, portanto, é um trabalho sobre textos; mas, nem todo trabalho sobre textos constitui exegese.

3. RAMOS DA EXEGESE

A Exegese pode ser *jurídica,* quando interpreta as leis; pode ser *literária,* quando usada na interpretação de uma obra literária profana; pode ser *sociológica,* quando interpreta o fenômeno social e *sagrada ou bíblica,* quando usada na interpretação da Escritura.

[1] GODOY, Ademar de Oliveira, p.11.

4. TAREFA DO EXEGETA

É, pois, tarefa do exegeta lançar mão de todos os recursos da exegese para investigar de forma, científica e minuciosa o texto das Sagradas Escrituras para daí tirar a genuína verdade, o *"genuíno leite espiritual"* (IPd 2.2).

a. Qual é, pois, o caráter distintivo da exegese?

1. De acordo com a definição etimológica supramencionada, entende-se que a exegese consiste num comentário, ou numa explicação para esclarecer textos ou passagens obscuras dos escritos antigos.

2. Devemos observar a diferença entre o sermão e a exegese; entre a homilética e a prática exegética. O sermão é a elocução, a pregação ou *kérigma*, ao passo, que a exegese deve ser a base ou alicerce dessa pregação. É na exegese que o elocutor vai encontrar o subsídio para sua prédica.
3. A exegese se torna necessária, principalmente, quando se trata de texto obscuro ou de difícil entendimento. O pregador deve pregar, também sobre esses textos. Isso não quer dizer que é impossível ou desnecessário fazer exegese de testos de fácil compreensão, visto que exegese revela certas nuances do texto que uma leitura comum não podem revelar.

b. A eisegese: O que vem, pois, a ser uma eisegese? Este seria o termo contrário, totalmente antagônico à exegese. Se na exegese o analista deriva do texto as suas verdades mais implícitas, na eisegese introduz no texto pensamentos que o texto não contém. A eisegese é completamente indesejável ao honesto estudioso da Bíblia Sagrada. Tal princípio é utilizado pelo teólogo liberal partindo do ponto de vista de que a interpretação da Bíblia deve partir da necessidade do

povo e das aplicações laicas. O teólogo reformado interpreta Bíblia olhando para a Bíblia, o intérprete liberal parte das aspirações e necessidades humanas. Uma interpretação que não parta da própria Escritura, torna-se um fim em si mesma.

c. Relação da exegese com outras ciências: Todo exegeta haverá de buscar subsídio em muitas outras ciências, tendo como propósito elucidar os problemas de textos em questão. Tais ciências lhe fornecerão luzes importantes à interpretação textual. Apenas, relacionaremos algumas ciências que poderão ser úteis na feitura exegética:

1. **Hermenêutica:** A Hermenêutica é a mãe, por excelência da Exegese, pois, ela a torna necessária, não há exegese se não houver aspiração hermenêutica. O produto final da exegese é o que se denomina, hermenêutica propriamente dita. Ela tem sido definida como: Ciência ou Teoria da Interpretação. Ela nos conduzirá à interpretação correta dos tipos, figuras, símbolos, bem como das situações sociais, culturais, religiosas, políticas, etc. dos tempos bíblicos. A Exegese é a ferramenta, a Hermenêutica é a prática, ou seja, a Hermenêutica é o produto da ação do ferramental exegético sobre o texto. Todo hermeneuta deve partir da exegese bíblica para chegar à compreensão do texto.

2. **Gramática:** O pensamento do texto é expresso por palavras, daí a sua relação com a gramática. Deve o intérprete das Escrituras conhecer as gramáticas das línguas originais e, deve ter também certo domínio da vernácula.

3. **Lógica:** A lógica é a ciência do correto pensar. O exegeta precisa ter pensamentos bem ordenados e lógicos. A Bíblia apresenta a lógica de Deus para o

homem, nela nada em sem propósito, tudo tem um sentido real e lógico, mesmo quando revestido de um tom espiritual ou, mesmo, miraculoso.

4. **Geografia Bíblica:** É a geografia que estuda a topografia da Palestina e de todo o mundo bíblico; cidades, habitantes, planícies, montanhas, rios mares e desertos e regiões em redor, bem como, a sua numismática, produtos agrícolas, minerais, etc. É necessário este conhecimento para se interpretar bem certos textos.

5. **História:** Conhecer as relações entre o povo escolhido e as nações vizinhas, especialmente as grandes monarquias como: Egito, Assíria, Caldéia, Babilônia, Média, Pérsia, Grécia, Macedônia e Roma. É necessário, especialmente, conhecer a história e cultura dos hebreus, como por exemplo: seus usos e costumes, suas instituições civis, seus ritos e cerimônias religiosas, etc.

6. **Cronologia:** A cronologia bíblica abrange questões difíceis e complicadas. Seu conhecimento é necessário para uma boa interpretação.

7. **Línguas originais:** É necessário conhecimento das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), para uma correta exegese. Um domínio fundamental seria a capacidade ler e um conhecimento geral das gramáticas; levando-se em conta o uso de fermentas voltadas para o uso acadêmico da Bíblia, como as bíblia on-line, como, por exemplo, a Bible Workes, Logos Bible, Sword de Lord, Davar, etc.

8. **Arqueologia:** A arqueologia bíblica é importantíssima, principalmente, a partir do século XVIII, quando descobertas importantes no campo da arqueologia vêm incidir luz sobre o texto bíblico, principalmente, sobre o texto veterotestamentário, como por exemplo, os MM (Manuscritos do Mar Morto).

Enfim, não sobra tempo para referir todas as fontes da exegese bíblica. É então, importante ressaltar, que o exegeta deve, despido de preconceitos e dogmas, olhar em todas as direções, e analisar o texto sobre todos os ângulos possíveis.

Capítulo II

PASSO A PASSO NA EXEGESE

1. **Escolha do Texto:** Por uma questão obvia, esse deve ser o primeiro passo, pois, a feitura exegética pressupõe a existência de um texto bíblico. É possível se fazer exegese de qualquer texto, mas, a exegese pressupõe que o texto deva apresentar alguma dificuldade. Às vezes, esta dificuldade não é aparente na versão, mas, no texto original sim.

2. **Delimitação da pericope:** A delimitação da pericope se mediante o estabelecimento do contexto próximo anterior e próximo posterior, isolando-se assim a pericope completa a ser estudada. Deve-se observar o conteúdo do texto, verificando-se: o início e fim do assunto tratado na pericope.

3. **Sitz im leben:**[2] O como nomeamos o levantamento da situação textual, seu pano de fundo histórico, político, social e religioso.

4. **Autoria:** É preciso apresentar o autor e todas as nuances possíveis que envolvam a sua personagem. Aspectos, idade, situação cível, moral, religiosa, formação cultural, etc.

5. **Datação:** Diz respeito à época, não basta dizer o ano, mas todas as circunstâncias que envolviam o profeta no seu contexto.

[2] Expressão alemã; o mesmo que background ou pano de fundo.

6. **Destinatários:** É importante estabelecer os destinatários do escrito alvo. Não basta apenas dizer a quem, mas, descrever o indivíduo ou indivíduos ou povo a quem se dirige.

7. **Razão ou motivo:** É preciso levantar o motivo ou motivos que levaram o autor a escrever. Tais motivos podem possuir várias nuances, como: do ponto de vista do destinatário, do ponto de vista da situação circundante, do ponto de vista do próprio autor.

8. **Métrica do texto:** Em caso de textos poéticos, onde o texto em língua original não apresenta uma métrica, é interessante se fazer a metrifica do texto em análise. Isso, além de melhorar a visão do exegeta sobre o texto, dá elegância e estilo ao trabalho.

9. **Análise morfológica do texto:** A analise gramatical é muito importante, é preciso observar a força de cada palavra do texto, aí entram os conhecimentos gramaticais das línguas hebraica e grega para uma boa análise do texto.

10. **Tradução do texto:** O exegeta deve traduzir o texto diretamente do texto em língua original, para evitar os erros das versões – *TRADUTORE TRAITORE* (*O tradutor é traído* – Lutero).

11. **Análise lexicográfica do texto:** É preciso observar os diversos usos dos termos (polissemia) bem como a sua semiologia (estudo dos radicais ou símbolos de uma palavra). Nesse momento busca-se a melhor tradução dos termos em seu contexto.

12. **Análise da estrutura literária do texto:** Essa é a análise que nos permite conhecer toda a estrutura do texto, seja, lingüística, histórica, estilística, social, política, teológica e analógica. É também uma maneira de separar, estruturalmente o texto, destacando os aspectos particulares do texto. Nessa análise, é possível: determinar a estrutura do texto, observando, seu estilo literário, e conhecer, por exemplo: seus paralelismos: históricos, sínteses, antíteses, sinonímias, figuras de linguagem, etc.

13. **Esboço do texto:** É no esboço que o exegeta vai traçar as lições do texto, derivando do texto o seu ensino central e periférico. Seria levantar os pensamentos latentes no texto. Esse deve ser o tom sermônico tocando a exegese, visto e fim da exegese é o *kérigma*.

14. **Comentário do texto:** O comentário já é a exegese em sua forma final, ou seja, a exegese propriamente dita. O exegeta deve tecer os seguintes comentários sobre texto:

    a) **Filológico** - Dá o sentido de cada palavra do texto para isso é necessário o estudo da sintaxe.

    b) **Hermenêutico:** Procura interpretar o texto dentro do seu contexto político, social, histórico, literário, etc. A hermenêutica busca o verdadeiro sentido do texto.

    c) **Teológico** - Dá interpretação ou sentido teológico-doutrinário do texto.
    d) **Prático** - Dá as lições de ordem prática do texto. Seria a contextualização da mensagem. A exegese é no aspecto prático: *"Trazer o lá e o então para o aqui e agora".*

QUALIDADES DO EXEGETA

1. **Fidelidade ao texto:** O exegeta deve determinar e desenvolver o verdadeiro sentido do texto, sem acrescentar ou tirar cousa alguma. Não pode harmonizar o texto com o seu pensamento, mas, deve submeter-se ao texto para dele extrair as mesmas idéias que o escritor quis exprimir.

2. **Imaginação:** Nos textos descritivos e históricos o exegeta deve procurar mentalizar um quadro vivo das cenas descritas. Em textos poéticos deve imaginar as circunstâncias emocionais do autor, etc.

3. **Bom senso:** Esta qualidade vem completar a anterior. "O Bom senso é chumbo nas asas da imaginação*"*. A exegese deve ser a expressão da realidade não especulação alegórica, imaginativa ou fantasiosa.

4. **Amor a Verdade:** O Exegeta deve aproximar-se do texto sem pensamentos preconcebido. Não deve ser iludido por seus preconceitos, dogmas, paradigmas ou relações partidárias. "*Sua mente deve ser uma tabula rasa"* (Luck). Nossa finalidade é buscar a Verdade. Deus não terá por inocente o que altera a Verdade com seus preconceitos. Temos que ver o que a Palavra diz, não o que queria dizer. *"Por que se o escritor disse o que não queria dizer, por que não disse o que queria dizer?"*

5. **Simpatia Para com a Verdade:** É uma inclinação, uma tendência para com a Verdade. Não apenas uma

curiosidade intelectual, mas uma atitude moral. É uma procura da Verdade para uso na vida pessoal. Quando achamos a Verdade, mas não a aceitamos, não temos simpatia para com ela. Deve haver harmonia entre o nosso espírito e a Verdade Revelada. Uma mente arejada está pronta a aceitar as mudanças que a Verdade impõe sem apelação.

6. **Espiritualidade -** Lutero dizia *"Só entende as éclogas de Virgílio quem já viveu como pastor".*[3] Do mesmo modo só entende a Bíblia que tem espiritualidade. O primeiro interprete da Palavra de Deus foi o Diabo, mas, foi um mau intérprete. Por que? Porque ele não possuía espiritualidade, por isso, estava mal intencionado (Gn 3.4,5; Mt 4.1-11).

Erros a Serem Evitado na Exegese

1. **O Dogmatismo:** Tem por fim encerrar o pensamento acerca de um assunto ou doutrina. Ele faz a sua afirmação sem deixar espaço para outro pensamento. O Catolicismo Romano, bem como grande parte das denominações evangélicas põe seus dogmas acima da Verdade Escriturística.

2. **O Ceticismo:** Cega porque procura negar tudo aquilo que não for logicamente comprovado. A Bíblia não é um livro de lógica, história ou qualquer outra ciência, mas, "O Compêndio da fé". A Teologia Contemporânea, o Racionalismo e o Modernismo Teológico tentam negar os milagres referidos na Escritura, por explicá-los de maneira científica ou colocá-los num contexto figurativo; assim, que Jó, Jonas, Daniel as pragas do Egito, a travessia do Mar Vermelho (Mar de Juncos) são apenas

[3] Poesia pastoril. Dic.Miachalis.

ficção da literatura religiosa. As muralhas de Jerico, *"se é que elas existiram"*, [4] ruíram pelo fenômeno da *"ressonância*". A multiplicação dos pães e dos peixes foi "*aquiescência da matéria"* [5] ou um gesto solidário e, quanto a Lázaro, este sofria de catalepsia, etc.

3. **Alegorismo:** A interpretação alegórica da Escritura pode se verificar perigosa. A Bíblia contém alegorias, mas, lê-la sempre sob o prisma alegórico pode levar à má compreensão e até ao absurdo. Os primeiros pais pecaram por alegorizar em excesso. O alegorismo prejudicou a interpretação dos mestres do passado. Eles entediam que somente por meio da alegoria se poderia perceber o significado oculto do texto. A doutrina deste método foi fortemente rejeitada pelos reformadores.[6]

4. **Literalismo:** O literalismo é extremamente perigoso, pois, há muitos textos cujo sentido é mesmo figurado, nesse caso, se faz necessário interpretar o tipo, símbolo ou figura. Os textos poéticos, por exemplo, contêm muita língua figurada um interpretação literal plena se torna difícil.

Observação: Além de tomar cuidado com o alegorismo é preciso, também, precaver-se contra analogismos ou simbologismos. Entendemos que na Bíblia existem alegorias e símbolos e, que a analogia é um método válido de interpretação, contudo, é preciso saber dosar essas nuanças, para não cair no exagero patrístico ou escolástico.

---

[4] Alguns céticos negam a existência da cidade e, por conseguinte, a existência da muralha.
[5] O espiritualismo racional interpreta desta maneira.
[6] TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão,* pg.65.

ESCRITURA E RELEITURA

A compreensão de um texto depende da leitura que se faz do mesmo. O conhecimento do contexto é de vital importância para se conhecer as sua mensagem. A leitura de um texto pode ser prejudicada pela falta atenção ou de conhecimento por parte do leitor.[7]

O eunuco interpelado por Filipe, o Evangelista, no caminho que ia de Jerusalém a Gaza, vinha lendo o profeta Isaías, mas, não conhecia o contexto histórico, e nem os fatos atuais, com relação ao Messias Jesus, por isso, não podia fazer uma leitura ampla e contextual daquilo que estava lendo, por isso ele disse a Filipe: *"Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta, fala de si mesmo ou de algum outro?"* (Atos 8.34). A limitação do eunuco foi suprida pelo conhecimento de Filipe, que a partir da explicação desta passagem, relacionando-a com outros textos da TANAK[8] anunciou-lhe a Jesus. O que Filipe fez foi uma releitura do profeta Isaías sob a ótica do cristianismo recém-nascido.

Se observarmos com atenção, todo o N. Testamento é uma releitura do A. Testamento debaixo de uma visão cristológica. Todo escritor do N. Testamento relê os acontecimentos históricos, a poesia e a profecia do Antigo Testamento olhando para Jesus. É, portanto, uma leitura *antítipica***,** ou seja**,** é a encarnação das figuras, tipos e símbolos antigos dos quais ele, Cristo, é o *antítipo.*

---

[7] GODOY, op.cit.p.14.

[8]Ou TENAK, forma como os judeus nomeiam o Antigo Testamento. É a sigla para: Torá (Lei) Nebhiyim (Profetas) e Ketuvim (Escritos)

6. TIPOS DE LEITOR

Jesus, à pergunta do doutor da lei: *"Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"* Sobrepôs uma célebre e sábia pergunta: *"O que está escrito na lei? Como o interpretas?"*[9]

Na verde, o que se acha escrito pode não ser imediatamente percebido, ou então, entendido de maneira diferente, dependendo não só do tipo de leitor, como também do tipo de leitura interpretativa. Há pelo menos três maneiras diferentes de se ler um texto e, o modo como se lê o texto vai influenciar, e muito, na compreensão do mesmo. Podemos mencionar, ao menos, três tipos diferentes de leitor:

a. **Leitor aquém da letra:** O leitor aquém da letra é aquele que não chega a compreender nem mesmo o que se acha na letra do texto[10]; isso pode ocorrer em face de uma leitura apressada, por falta de atenção naquilo que se lê, ou mesmo por uma limitação cultural.[11]

b. **Leitor literalista:** Esse é o leitor, que apesar de reter cultura suficiente para leitura do texto se atem apenas à letra, fazendo, portanto, uma interpretação literalista. Isso pode acontecer por ignorância do leitor, ou mesmo, porque tal leitura favoreça a sua preferência doutrinária ou teológico-interpretativa. Isso pode ocorrer com freqüência, se o leitor lê sob a influência da dogmática doutrinária. Contudo, tal leitura não deve ser tomada como critério para julgar a validade da interpretação.[12]

---

[9] Lucas 10.24,25.
[10] Denominado como *analfabeto funcional.*
[11] GODOY,op.cit.p.14.
[12] Idem,p.15.

c. Leitor além da letra: O leitor além da letra, ou mesmo do próprio texto, pode ser classificado em dois tipos:

1. **O leitor bem intencionado** - É o leitor que ultrapassa a letra do texto de modo legítimo e justo, no sentido de descobrir o seu verdadeiro ou real significado;

2. **O leitor mal intencionado** – Este é o leitor que vai além da letra no sentido tendencioso, de fazer o texto dizer aquilo que já preconcebeu em sua mente.[13]

[13] GODOY,op.cit.p.15.

PROBELMAS TEXTUAIS

1. VARIANTES NOS MANUSCRITOS

O texto mesmo pode apresentar algumas dificuldades que aos olhos do leigo passarão despercebidas, mas, o leitor científico das Escrituras tem por obrigação conhecer tais problemas textuais, pois, visa extrair do texto a mensagem pura, livre de "erros" oriundos da ação humana sobre o texto autógrafo. Visto que não há como ter em mãos o texto autógrafo, mas, sim cópias de cópias do primeiro texto[14]. Queremos então apresentar algumas variantes que certamente agiram sobre o texto primeiro.

Conforme é bem sabido, não temos qualquer documento original de qualquer obra dos tempos antigos, e isso inclui os próprios documentos bíblicos. Portanto qualquer restauração do texto depende de cópias. Também é verdade que, embora haja cerca de 2500 manuscritos hebraicos e milhares de traduções em vários idiomas, não existem dois documentos que sejam iguais. Até mesmo quando um manuscrito era copiado de outro, surgiam diferenças entre os dois.

Um escriba cuidadoso produziria talvez 20 variantes por acidente, descuido, transposição de palavras, etc. Um escriba descuidado, facilmente produziria centenas de variantes.

Alguns escribas modificavam propositadamente passagens que se adaptassem às suas doutrinas preconcebidas, e muitos deles harmonizavam passagens.

[14] O texto "original", no sentido lato da palavra, já não existe.

2.VARIANTES NÃO INTENCIONAIS

a. Erros mecânicos - equívocos de pena;

b. Transposição - de letras ou palavras;

c. Substituição - de signos similares ou de letras e palavras similares;

d. Confusão - de letras e palavras, com outras de forma e sentido diverso;

e. Omissão: pode ser simples ou, não intencional;

f. Omissão por homeoteleuto: Saltar de uma palavra para outra, devido a términos semelhantes em ambos, com a omissão das palavras intermediárias.[15]

g. Omissão por homeoarcto: Saltar de uma palavra para outra devido a começos semelhantes, ou saltar de uma sentença ou parágrafo para outro, por causa de começos semelhantes em ambos, com omissão de palavras intermediárias[16];

h. Haplografia: Significa escrever uma vez o que deveria ter sido escrito duas vezes.

i. Ditografia: Repetição errônea de uma palavra ou sentença, significa escrever duas vezes o que deveria ter sido escrito uma vez somente[17].

---

[15] ARCHER, Glason. *Enciclopédia de Dificuldades bíblicas,* p.42.
[16] Idem.p.43.
[17] Idem.p.37.

j. Interpolação: Adição de algo, talvez primeiramente à margem, talvez como comentário (aparato crítico), explicação ou harmonia com outra passagem, mas que subseqüentemente, tornou-se parte do próprio texto; tal "comentário" é incluído no texto, e os demais escribas não mais o omitem;

k. Inserção massorética: Ocasionalmente, a má colocação ou ausência de um sinal fazia diferença no sentido das palavras, às vezes os escribas se equivocavam criando variantes.

l. Erros em manuscritos ditados: Alguns manuscritos eram ditados de um escriba para o outro, e o fato deste último não ouvir corretamente provocava muitas variantes no texto. Um bom exemplo disto são as partículas לֹא *lô* não e לוֹ *lô* lhe, ou, "para ele". Ambas como se percebe, têm o mesmo som, *lô*, porém a primeira é a partícula negativa **não** a segunda pode ser traduzida pelo pronome **lhe.**

m. Erros devido à restauração: De certos manuscritos mutilados, que eram usados como exemplares na cópia, ou que eram simplesmente restaurados a fim de serem usados;

n. Inclúsio: Inclusões feitas ao texto por escribas, com o fito de explicar ou tornar o texto mais claro, essas inclusões na maioria eram no seu início um esforço hermenêutico do escriba, que fazia alguma nota fora do texto, depois, vindo outro escriba posterior, adicionava ao texto original o comentário anterior.

o. Metátese: Diz respeito à mudança inadvertida da ordem correta das letras ou das palavras. Por exemplo, o rolo 1QIsa traz, no final de Isaías 32.19 esta frase, traduzida

livremente: *"seja o bosque inteiramente abatido",* em vez da redação corrigida **TM**: *"seja a cidade inteiramente abatida".* O que ocorreu é que a palavra correspondente a "bosque" (יָעַר, y*a'ar*) é escrita com as mesmas consoantes do vocábulo equivalente "cidade" (עִיר, '*iyr*). Visto que o verbo relacionado, (תִּשְׁפַּל, *tispal*), *"seja nivelada inteiramente"* esta na forma feminina e יָעַר, é masculina, a palavra equivalente a "cidade", que é feminina, é a única opção de leitura possível. Mas, a confusão do escriba é compreensível, visto que a palavra, יָעַר aparece na primeira parte deste versículo: *"ainda que a saraiva faça cair o bosque"*[18].

p. Fusão: Consiste na combinação da última letra de uma palavra com a primeira da palavra seguinte, ou a combinação de duas palavras distintas de forma que forme uma terceira palavra composta apareça. Exemplo possível desse tipo de erro encontra-se em Levítico 16.8. É a aparente referência a um misterioso "**Azazel**", entre as prescrições do Dia da Expiação, o sumo sacerdote deveria lançar sorte sobre dois animais escolhidos para o sacrifício. Assim lemos: *"Lançará sortes sobre os dois bodes: uma para o Senhor, e outra para bode emissário [ʿaza'zel].* O **TM** indica um nome próprio, que, à parte dessa, Menção, é inteiramente desconhecido, Azazel, que os rabinos da Idade Média explicavam ser designação de um demônio peludo do deserto. Então Arão estaria lançando sortes entre Javeh e um demônio (diabo). Ora não se faz inclusão do culto ou adoração de demônios em parte alguma da Torá, e não pode existir a mínima possibilidade de que tal culto surja aqui (e nos versos seguintes do mesmo capítulo). Baseado nesse erro massorético, e na explicação

[18] ARCHER,op.cit.p.38.

estapafúrdia dos Rabinos Medievais, pregadores contemporâneos têm pregado a herética doutrina da co-redenção (o Diabo é colocado ao lado de Deus como co-redentor de Israel e, como antítipo neotestamentário, como co-redentor da Igreja ao lado de Cristo); absurdo! A óbvia solução desse "enigma" encontra-se na separação das duas partes da palavra עֲזָאזֵל, *ʿazaʾzel* de modo que fiquem separados os vocábulos עֵז *ʿaz*, referente ao *caprino* e ʾazel, referente à אָזַל *ʾazl* o verbo assim a melhor tradução é: *"o bode da partida ou da emissão". "bode emissário"* (ARA)[19] Noutras palavras, o verso 10 deixa bem claro, que esse bode deveria ser conduzido para fora do arraial, ao deserto, para onde deverá encaminhar-se, e, de modo simbólico, levar embora os pecados de Israel. É inquestionável que os autores da Septuaginta[20] (LXX) entenderam o versículo e o nome "Azazel" dessa forma ao apresentar a grafia τω ʾαποπομπαιω - *to apoponpaio* ("para o que for enviado para longe"). De forma semelhante, a Vulgata[21] traz *capro emissario* ("para o bode que deve ser despedido"). Assim ao separarmos duas palavras que foram indevidamente fundidas numa só pelo *massoreta*[22], passamos a ter um texto que faz sentido perfeito no contexto, sem fazer concessão a demônios, cujo exemplo não existe nas Escrituras. Noutras palavras, *"bode emissário"* é a verdadeira tradução empregada, em vez de "para Azazel", que seria uma transliteração do texto *massorético*[23].

---

[19] Almeida Revista e Atualizada.
[20] Versão grega do Antigo Testamento. Também denominada Versão dos Setenta.
[21] Versão em latim do Antigo Testamento feita por Jerônimo.
[22] Escritor do texto acentuado da TANAK. Daí, *massorético* é como se denomina do texto.
[23] ARCHER.op.cit.p.38.

q. Fissão: Refere-se à divisão indevida de uma palavra em duas[24].

3. VARIANTES INTENCIONAIS

a. Harmonia proposital: de uma passagem com outra partindo do paralelismo verbal ou histórico dos textos harmonizados.

b. Melhoramentos gramaticais ou de estilo: Por exemplo, Marcos e Apocalipse que tinham um grego deficiente no original, teriam sido aprimorados por escribas eruditos.

c. Variantes Litúrgicas: Para fazer uma passagem melhor adaptada ao uso litúrgico, alguns escribas faziam modificações.

d. Variantes Suplementares ou Restaurativas: Alguns escribas se arrogavam o direito de adicionar narrativas ou comentários aos originais, a fim de darem melhores informações ou possíveis explicações. Ocasionalmente, tal adição, contém material histórico e geograficamente autêntico.

e. Simplificação de frases difíceis: É a tentativa de melhor entendimento modificando os originais. Onde o texto é difícil de se entender pode se esperar simplificação e modificação.

f. Adições: Eram feitas com o fim de injetar doutrinas em uma passagem onde elas não figuram no original. Também havia modificação para evitar alguma doutrina difícil.

[24] Idem.p.39

Para não nos prolongarmos mais neste assunto, estas são apenas algumas considerações que podemos fazer sobre os erros ocorridos, em face da ação dos copistas sobre o texto.

A Crítica Textual tem por finalidade estudar este problema e estabelecer critérios científicos para comparação das diferenças surgidas entre as cópias do Antigo Testamento, visando estabelecer o texto mais próximo do autógrafo, o que seria um esforço para restaurar o sentido original dos termos, trabalho este que precisa ser feito com muito critério, cientificidade e honestidade.

Tais observações não têm por finalidade desacreditar o texto bíblico ou a inerrância da Escritura, outro sim, inerrância na acepção da palavra, só se pode atribuir ao texto autógrafo original (o texto composto pelo autor escriturístico). A crítica textual, antes, busca restaurar o texto a partir da crítica honesta, sem fechar os olhos às falhas humanas, visto que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas, escrita em palavras de homens. No escopo geral temos que asseverar sem preconceitos que ela é *"a Palavra de Deus, única regra infalível de fé e prática"*, pois a mensagem, essa mesma que o exegeta busca conhecer em toda a sua profundidade, permanece intacta em sua essência, bem como, é possível se chegar à verdade, por meio dos manuscritos e das técnicas de restauração.

Vale ainda dizer, que tais observações são feitas tomando como ponto de partida o trabalho dos tradutores. Ao buscar os melhores manuscritos para construção de uma versão bíblica, os tradutores tendem a desprezar aqueles que revelam muitos erros de copistas, reservando os melhores manuscritos para feitura do texto vernacular.

OBSERVAÇÕES:

a. A doutrina da Salvação está tão clara nas Escrituras, que até o homem mais iletrado pode compreendê-la. **Jo. 3:16**. Mas, o intérprete deve explicar também os textos que apresentam dificuldades, **IITm 3:16**.

b. A interpretação não pode ser unilateral, deve ser vista tanto do lado humano como divino.

1) **Do lado humano:** Porque as Escrituras falam aos homens na linguagem deles, e de acordo com o seu pensamento. Se rejeitarmos o lado humano, a interpretação será visionária e imaginativa.

2) **Do lado divino** porque ela é a revelação que Deus quis dar ao homem, portanto, ela difere de todos os demais escritos. Se rejeitarmos o lado divino da Escritura, faremos uma interpretação meramente crítica (o método histórico-crítico, embora não seja de todo rejeitável, tem se revelado um tanto perigoso em face do seu juízo histórico-científico da Bíblia), tendendo a destruindo o valor sobrenatural da Palavra de Deus.

CRITÉRIO DE CANONICIDADE

Tendo apresentado uma lista substancial dos erros que podem ter sido cometidos pelos copistas, passaremos a apresentar os critérios adotados pela crítica textual como fundamento para chegar a uma decisão sobre textos divergentes. Essa lista de *cânones* será apresentada na ordem de classificação de sua própria importância ou relativo valor.

1. **O texto mais antigo –** Em geral o texto mais antigo deve ser preferido ao texto mais recente. Isso que dizer: quando se possui dois pergaminhos do mesmo texto da Escritura, um mais antigo e outro mais recente, via de regra, prefere-se o texto mais antigo ao mais recente; contudo, é possível encontrar textos mais antigos menos confiáveis que textos mais recentes, como por exemplo, o **1QIsa**, simplesmente por se tratar de um texto uma cópia produzida rapidamente, tencionada para uso particular, não para utilização no culto público nem par instrução oficial. Normalmente, porém, quanto mais antigo for um manuscrito menos provável serão os desvios do texto autógrafo.[25]

2. **O texto mais difícil** – *(lectione difficile)* deve ser preferido ao texto mais fácil. Os textos mais fáceis, geralmente, são fruto da ação do copista em tornar a leitura mais compreensível. Quando o copista achava que uma palavra ou expressão pudesse ser de difícil entendimento, buscava palavras ou expressões mais inteligíveis, na sua maneira de pensar, modificando assim o texto autógrafo[26]. Contudo, essa regra não se aplica, quando o texto mais difícil tenha sido gerado em conseqüência das divergências entre escribas.

[25] ARCHER.op.cit.p.46.
[26] Se diz do texto escrito originalmente pelo autor escriturístico.

Diga-se o mesmo de texto que são tão difíceis que a sua compreensão se torna impossível. Também essa regra será aplicada a textos que contenham material que contradigam o sentimento do escritor autógrafo expresso noutras passagens do mesmo livro.[27]

3. **O texto mais curto** – Deve-se preferir o texto mais curto ao mais longo. A razão disso é que é o fato, inegável, de que os escribas tinham uma inclinação para adicionar material ao texto com a intenção de tornar o texto mais inteligível ou para embelezar o mesmo, do que eliminar alguma palavra do seu *vorlage*[28]. Essa regra, no entanto, não se aplica se o texto mais curto parece resultante dos erros de *haplografia* ou de *homeoteleuto*, como já apresentado anteriormente.[29]

4. **O texto que explique melhor as variantes** – deve estar mais próximo do texto autógrafo o que explique melhor as variantes.[30]

5. **O texto que tiver maior aceitação geográfica** – deve ser preferido ao que predomina numa simples região, ou numa única família de manuscritos. Assim um texto consagrado pelas versões LXX[31], *Vetus Latina* (termo usado para designar antigas versões latinas surgidas por volta do II e III séculos e que são também anteriores à *Vulgata* de Jerônimo, 390-405)[32]ou *Copta* não têm muito que o exalte como o consagrado pela *Vulgata* e pela LXX (exceto os Salmos), ou pela LXX e pela *Versão Samaritana.* A razão disso é que a *Vetus Latina* e a *Copta* são traduções da LXX e não do original hebraico. Por exemplo, em Nm 22.35 a *Versão*

---

[27] Idem.
[28] Texto original autógrafo.
[29] ARCHER.op.cit.p.46.
[30] Idem.
[31] Septuaginta (versão dos setenta).
[32] FRANCISCO, Edison de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica.*p.212.

Samaritana e a LXX ampliaram a expressão תְּדַבֵּר *t^{e}dhabêr, "tu falarás"* [vqi2pms.[33]], como se estivesse escrito: מר תִּשְׁ לְדַבֵּר *tishimor ledhaber, "guardarás o teu falar"* ou *"serás cuidadoso no falar"* [vqi2ms , Pp+vqc[34]]. Ainda que alguns manuscritos da LXX tenham sido encontrados na biblioteca de Qumran, pode-se afirmar com segurança que a *Septuaginta* e a *Versão Samaritana* exerceram pouquíssima influência uma sobre a outra. Portanto, se ambas trazem a mesma tradução, e essas divergem da redação do TM[35], é muito provável que esta seja inexata, e que texto massorético esteja mais de acordo com o texto autógrafo.[36]

[33] Verbo qal imperativo segunda pessoa masculino singular.
[34] Verbo qual imperativo segunda pessoa masculino singular, verbo qal infinitivo construto.
[35] Texto Massorético.
[36] ACHER.op.cit.p.47.

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

1. **SENTIDO DAS PALAVRAS:** A bíblia fala a linguagem dos homens, segundo o modo humano de pensar e falar. Por isso o intérprete deve determinar o sentido das palavras. Ele procede então como na interpretação de outros escritos: Faz uso das fontes internas (**Intrabíblicas**) e, das fontes externas (**Extrabíblicas**); exemplo: No primeiro caso o estudo do texto, do pré-texto e do pós-texto nos levará a conhecer todo o contexto e o uso dos termos em outros lugares e passagens paralelas, etc. No segundo caso: Gramáticas, dicionários, léxicos, comentários, versões, intérpretes antigos, além de outras fontes, servirão para elucidar dúvidas e lançar luz sobre todo o contexto.

2. DIFICULDADES

a. **Há diferença na aplicação de termos ou expressões:** Nos diversos autores há diferenças entre termos e expressões; exemplo: *"filhos de Deus"* – Em Gênesis 6.2 são homens, mas, em Jó. 1.6 são anjos.

b. **Às vezes o termo aparece uma única vez:** Então o interprete terá que fazer uso do contexto e dos outros recursos já mencionados, como por exemplo a expressão usada por Paulo em Efésios: ἀνακεφαλαιώσασθαι- *anakephalaiósasthai* - aparece uma única vez no Novo Testamento, ou seja, em Ef 1.10. A ARA usa o vocábulo *"convergir"* atrelado ao verbo *"fazer",* para interpretar a expressão, mas a expressão se classifica como: verbo infinitivo aoristo médio, pode ser composta da preposição ἀνά *aná*, para

cima, mais κεφαλη *kephalê*, cabeça, neste caso significa chefia, soberania. Pode também ioriginar do verbo ἀνακεφαλαιω - *anakephalaio* (de κεφαλαιον - *kephalaion*).[37] Daí: *recapitulo, reúno, faço convergir*, etc. Parece aqui ser referir ao domínio soberano de Cristo sobre todas as coisas na consumação dos séculso.

Comparando a expressão com termos, "situações" ou expressões parecidas usadas pelo mesmo autor noutras passagens do mesmo livro, chega-se à conclusão de que Paulo quer enfatizar que tudo será posto debaixo do governo ou soberania de Cristo, ou seja, que ele será posto por cabeça do universo (cf., Ef 1,22; 4,15; 5,23). Também se podem conferir outros escritos paulinos e ver que o pensamento ou a idéia é corrente em seus escritos (cf., Cl 1,18; 2 10,19; comp. com Fp 2, 6-11).

c. Há casos em que o radical tem duas ou mais significações: nestes casos, o contexto será o guia principal - Exemplo: קדֹשׁ – raiz do vocábulo santo (Lv. 10.10; Is. 6.3); consagração, santidade, qualidade de sagrado (Êx. 29.21; 37.30,39; Lv. 6.18); prostituto cultual (Dt. 23.18; 2Rs. 23.7). Ainda pode ser nome próprio קֶדֶשׁ, *Quédes* (nome de uma cidade). Neste caso, só o conhecimento da língua original irá eliminar o problema. É, também, necessário conhecer o uso da acentuação massorética para distinguir-se o sentido de termos.

---

[37] TAYLOR, William Carey, Dicionário do Novo Testamento Grego, p.20.

d. Há muitas palavras cujo uso é técnico: portanto têm um sentido especial, portanto, não podermos dar-lhes o sentido que quisermos de acordo com os nossos preconceitos. Ex: בְּרִית - hebreu *b^{e}rith* = aliança, pacto.

e. Há palavras que não foram traduzidas, mas, transliteradas: A não tradução de algumas palavras, mas, sua simples transliteração, ou seja, a leitura e representação dos sons consonantais e vocálicos, por símbolos correspondentes, em alguns caso pode criar certa dificuldade na interpretação como por exemplo, שַׁבָּת - *Shabbath* - σαβατον *sabaton* - **Sábado,** טְבִילָה t^{e}bhilah – βαπτισμον - *baptísmon* - **Batismo**. Nesse caso, a transliteração foi prejudicial, gerando uma ambigüidade na doutrina do batismo. Portanto, dogmas são criados, tomando por base palavras e textos isolados, como por exemplo: Sabatismo e o imercionismo. Há muitos outros termos que não foram traduzidos como, por exemplo, aleluia, amém, Getsêmane, Golgota, etc.[38]

3. O SENTIDO DA IDÉIA DO ESCRITOR: Somente o sentido das palavras da frase não nos dá o pensamento do escritor. É preciso conhecer o propósito do autor, a forma e ordem de sua argumentação, as idéias que ele combate e as que ele expõe, as palavras em que ele dá ênfase, e aquelas que ele emprega em **sentido literal ou figurado**. Tudo podemos saber pelas regras de interpretação.

[38] GODOY,op.cit.p.19.

4. O PROPÓSITO OU INTENÇÃO DO AUTOR

a. É necessário determinar o propósito para se saber o sentido do texto: Sem conhecer o propósito que o autor tem em mira será difícil conhecer o sentido real do texto, pois, o propósito do autor o inclina, nesta ou naquela direção, para esta ou aquela doutrina, para este ou aquele fato.

b. O propósito pode ser geral ou especial: Geral - quando se refere ao todo do livro. Especial - quando se refere a uma determinada parte.

c. Como determinar o propósito?

1. **Às vezes, o autor declara o propósito geral que tem em vista:** Ex: Gn. 1.1-3; Pv 1.1-4; Ec 1.1,2**;** Também o fim especial de alguns textos é, às vezes, declarado pelo autor. Ex: Is 1.18-20; (dá o propósito do texto precedente). Jr 13.1-7 (neste caso o feito do profeta por ordem do Senhor vai lhe dar suporte para mensagem procedente).

2. **Conhecimento das circunstâncias:** históricas em que o autor escreveu ou viveu, Ex: Am 1.1-4. É preciso conhecer o fato histórico relacionado à época em que foi escrito o livro, as circunstâncias, o local ou ainda alguma particularidade sobre o autor, etc. Nos dias contemporâneos à palavra de Amós houve dois fenômenos um terremoto e uma seca; os quais ele tratou de relacionar com o juízo divino: *"As palavras de Amós..." "...nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. Disse ele: O Senhor brama de Sião, e de Jerusalém faz ouvir a sua voz; os prados dos pastores lamentam, seca-se o cume do Carmelo".* - Ele profetizou no Reino do Norte nos dias Uzias (765-750 a.C.), rei de

Judá (Reino do Sul), Jeroboão II e de Joás (reis do Reino do Norte) e era Azael o rei da Síria: *"As palavras de Amós..." "nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel..." "... Por isso porei fogo à casa de Hazael, e ele consumirá os palácios de Bene-Hadade..."* - Também foi contemporâneo de Isaías (vide Is 1.1). Amós era pastor em Tecoa (cidadezinha a oito quilômetros ao sul de Belém, provavelmente, tribo de Judá): *"As palavras de Amós, que estava entre os pastores de Tecoa"*. Amós não se considerava profeta, não era homem da elite judaica, mais um plebeu, além da profissão de pastor ele catava (ou cultivava) sicômoros, ocupação não muito honrosa naqueles dias, o que denota que ele era um homem, pobre, de condição humilde: *"E respondeu Amós, e disse a Amazias: Eu não sou profeta, nem filho de profeta, mas boieiro, e cultivador de sicômoros"* (Am 7.14). Vemos por este ligeiro apanhado, que quase todas as informações se achavam no próprio texto. É claro quem nem sempre será assim, mais, na maioria das vezes o próprio texto bíblico nos fornecerá tais informações.

3. **O melhor é ler o livro todo sem se levantar.** Alguns livros podem ser lidos de uma vez, sem parar para ver minúcias. Malaquias, Cantares, Rute, etc. Tal leitura nos levará a ter uma visão panorâmica da história, poesia ou profecia. Rute, por exemplo, fala da conversão de uma a moabita a YHWH quando, o Seu próprio povo, estava sofrendo por conseqüência de sua infidelidade.

5. O ESTILO LITERÁRIO DO TEXTO: É preciso conhecer o estilo literário do texto. Como apresentamos em seguida, há vários estilos na Bíblia:

b. CONTO: É uma expressão de vivência fundamental da humanidade. Nele aparecem os velhos anseios e

os temores humanos. O conto é diferente de uma parábola, pois, é a narrativa de um fato verídico, revestido, geralmente de uma certa mística; não é mero conteúdo da fantasia. Exemplo disto é a panela da farinha e a botija de azeite (I Reis 17:7-16; II Reis 4:1-7), a jumenta de Balaão (Nm 22:22-35), os corvos que alimentam o profeta Elias (I Reis 17:1-6), etc.

c. EPOPÉIA: Alguns autores gostam de usar o t ermo novela. Parece-se com a saga é parente do conto. Ela é uma narração artística de maior envergadura, com uma estrutura engenhosa de cenas. As narrativas devem ser consideradas histórias como a de José e seus irmãos no Egito (Gen 37:39-48; 50). A mulher de Potifar (Gen 39), o livro de Jó. A história da Davi e Golias (I Sm 17).

d. MITO: Entenda-se a palavra mito, não no mesmo sentido do seu uso comum ou profano. O mito é uma narrativa que tem deuses e anjos ou coisas sobrenaturais como personagens. Como por exemplo, Gn caps. 1, 2, *"O Mito da Criação"* 6:1-4; que fala dos gigantes que vieram da união dos *"filhos de Deus*" com "*as filhas dos homens*", *O Mito do Dilúvio* em Gn. 6:5-9; 17. Toda narrativa da "pré-história" de todas as coisas ou dos primórdios Gn 1-11, etc.

e. SAGA: Se distingue do mito e do conto por ser mais histórico. A saga é a precursora da história e da historiografia moderna, ela quer relatar um fato verídico. A saga divide-se em: *Histórica ou heróica.* A passagem pelo mar em Ex. 14. As sagas de Josué e dos juizes, as histórias de Saul, Davi e Jônatas, Gideão. *As sagas tribais*_como o relato de Abel e

Caim em Gn. 4, a história de Hagar em Gn. 16:4-14. A saga cultual fala do início do culto, do rito, como o rito da circuncisão em Ex 4:24-26, o censo de Davi em II Samuel. 24 (culto em Jerusalém Betel, etc.). A saga local explica o surgimento de um local, como a Torre de Babel em Gn 11:1-9, Sodoma e Gomorra, etc.

f. TEXTO JURÍDICO: É outra forma importante no Antigo Testamento. Diferente das narrativas, prosas ou poesias. São textos importantes, como: o relato do direito israelita, o decálogo, o livro do pacto, o código de santidade, a lei do sacrifício de holocausto, as cerimônias purificaionias, etc.

g. POESIA: A literatura hebraica é rica em poesia. O estilo poético se faz sentir desde o Gênesis, passa pelos profetas e encontra sua maior expressão nos livros propriamente chamados de poéticos como: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. O fato de um texto ser escrito no estilo poético não significa que a matéria apresentada no texto não seja verossímil. Contudo há uma linguagem figurada na poesia, e não se pode interpretar poesia como texto histórico ou doutrinário.

h. PROFECIA: Dentro do estilo profético temos narrativas históricas, poesia e a chamada linguagem apocalíptica. O estilo apocalíptico é encontrado com fartura em Daniel, Isaías, Ezequiel, Zacarias, etc.

i. HISTÓRIA: Os livros históricos são narrativos, são reconhecidamente históricos. Josué, Juízes, Rute I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, etc.

j. CÂNON HEBREU: É bom observar que os judeus não fazem a mesma divisão do cânon que nós fazemos, pois dividem o A. Testamento com a seguinte nomenclatura: hrwt yvmwh hvmh Hamesh Hamishy Thorah - Os cinco livros da lei: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio - ראשנים נביאים - Nebhi'im Ri'shonim - Primeiros profetas: Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis - אחרונים נביאים - Nevi'im 'Aharonim: Profetas posteriores - Isaías Jeremias, Ezequiel, Hoséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias כתובים - ketuvim - Escritos: Salmos, provérbios, Jó, Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, I e II Crônicas. Vemos por exemplo, que são relacionados como proféticos Josué, Juízes, Samuel e Reis, que para nós, contam como livros históricos, ao passo, que Daniel, para nós profético, encontra-se relacionado entre os escritos e, que também encontramos relacionados entre os escritos os livros poéticos.

Os Judeus consideram a Lei, A Torá, mais importante que os escritos e proféticos, ao passo que o cristianismo tem a Escritura com um todo de vital importância, contudo, na prática, é o Novo Testamento o texto mais utilizado, pois, nele se encontram de forma clara e objetiva as doutrinas do cristianismo.

O CONHECIMENTO DO CONTEXTO

Do latim: *Contextus* significa literalmente tecer, fazer uma tela. É o texto, o que vem junto do texto, antes (pré-texto) ou depois (pós-texto). O conhecimento do contexto nos dá a forma ou o modo de o autor conseguir seu objetivo.

1. **O interprete deve sempre conhecer o contexto:** Para saber a significação dos textos especiais, bem como o sentido geral da passagem. Para conhecer o contexto o exegeta precisa conhecer o pré-texto e pós-texto, ou seja; aquilo que vem antes e o que vem depois do texto a ser analisado. Ambos devem ser consultados. O que nos deve orientar é a unidade do assunto e não a divisão em capítulos e versículos.

2. **Capítulos e versículos:** Não podemos nos deixar orientar por essas divisões porque elas não fazem parte o texto sagrado original. Foram feitas posteriormente e são arbitrárias. A divisão em capítulos foi feita por Stephan Langrom, no século **XIII.** A divisão em versículos foi feita por Robert Stephen, no século **XVI**. Há muitos erros nessas divisões.[39]

3. **Em alguns livros da bíblia há dificuldade para se delimitar o contexto:** Por exemplo, o Livro de Provérbios.

[39] Deve-se contudo observar, que o massoreta, desde o quinto século da era cristã já havia trabalhado sobre o texto do AT, o seu Tanak, elaborando, juntamente com a acentuação massorética, uma divisão lógica do texto e a fragmentação do mesmo em parashoth (pericopes) e sedariym (leituras), bem como a sua fragmentação lógica, facilitando assim, no respeita ao AT, o trabalho de seus citados sucessores.

Os versos se subordinam a um assunto geral, mas não se relacionam entre si. Em Eclesiastes as transições de um assunto para o outro são rápidas, e por isso, é difícil percebê-las e explicá-las.

4. Considerações sobre alguns textos:

a. Salmo 14:1: A expressão "*não há Deus"* deve vir sempre acompanhada do contexto: *"diz o néscio no seu coração".*

b. Gênesis 9.4: *"Carne, porém, com a sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis"*. Os Russelitas, baseados neste texto, citado isoladamente, confundem o sangue - דָּם dam, com נֶפֶשׁ - néphsh - alma. E com isso criam um sério problema, pois baseados nesta heresia, negam ao moribundo uma transfusão de sangue.

5. Texto por pretexto: Muitos pregadores tomam o texto por pretexto, e expõem unicamente as suas idéias. As interpretações são arbitrárias e fantasiosas. Não há necessidade de se fazer isto, pois as Escrituras interpretadas legitimamente satisfazem as necessidades de todos, em todas as circunstâncias.

6. As afirmações citadas fora de seu contexto: Podem numa polêmica, trazer grandes dificuldades. Ex. O fundador do **Adventismo do Sétimo Dia**, baseando-se numa declaração isolada da escrita veterotestamentária, criou uma seita herética.

PARALELISMOS BÍBLICO

1. **São passagens que não estão no contexto:** Estão relacionadas com o texto. Podemos usá-las porque admitimos a unidade das Escrituras. A unidade do conteúdo provém do autor divino, que é o Espírito Santo, **I Co. 2:13**. **O melhor intérprete da bíblia é a própria bíblia**. Um comentário inteiramente bíblico não faz comentário, apenas mostra as passagens paralelas.

2. **Os paralelismos são divididos em: Verbais** (quando são empregadas as mesmas palavras ou frases) e **Reais** (quando o mesmo pensamento é expresso ou discutido).

3. **Os paralelismos verbais facilitam a interpretação:** certas frases ou palavras podem ser melhor entendidas a partir desta observação; ex.: Gn. 49:6. Passagens paralelas Sl. 7:5 e 57:8. Notar as expressões: minha glória e minha alma.

4. **Os paralelismos reais se subdividem:** em **Doutrinais** (quando a mesma verdade é ensinada) e **Históricos** (quando o mesmo acontecimento ou série de acontecimentos são registrados, Ex: I Crônicas e II Crônicas com I Reis e II Reis).

5. **Paralelismos doutrinais:** A Bíblia é um grande sistema harmonioso da verdade. Cada autor deseja ser coerente. Assim para elucidação da verdade devemos procurar paralelismos primeiramente **no mesmo livro**. Em segundo lugar procuramos **noutro livro do mesmo autor**. Em terceiro lugar procuramos textos paralelos em **autores que têm afinidades** - Ex: Isaías e Jeremias no A.T. Paulo e João

no N.T. Em quarto, vamos ver autores que pertencem ao **mesmo período**, e que foram guiados pelas **mesmas regras de fé e costumes**. Temos então os profetas Isaías, Oséias, Joel, Amós e Miquéias, todos do mesmo século. Em menor grau temos: Jeremias, Ezequiel e os demais profetas que são de um período mais recente. O mesmo acontece com os autores do N.T. são todos do mesmo século.

6. **Há textos mais claros que explicam os mais obscuros:** Os textos breves são explicados pelas expressões mais amplas - Ex: **Lc 14.26** com **Mt 10:37; Gn 22.1** com **Tg 1.13; Jo. 10:8** com **8.39-40,56;** com **5.45,46 e** com **Jo 12.38-41.**

7. **Paralelismos históricos:** Ocupam lugar importante na interpretação do A.T. e do N.T. Temos duas narrativas paralelas, na história dos judeus. Nos livros de Samuel e Reis e depois nos livros das Crônicas. No N.T., temos os quatro Evangelhos que são narrativas paralelas, os evangelhos sinópticos (os três Primeiros) da vida de Jesus. Há outras narrativas paralelas mais breves: Guerra de Senaqueribe contra Ezequias e doença de Ezequias - **Isaías 36-39; 2 Reis 18:13-37 e** caps**. 19 e 20; 2 Cr. 32.** A conversão de Saulo **At. 9:1-22; 22:1-21; 26:1-20**. Temos melhor compreensão dos acontecimentos quando comparamos os paralelismos.

8. **Outros tipos de paralelismos:** Há outros tipos de paralelismos, que estão mais relacionados com própria estrutura da língua hebraica como segue:

   a. ***Sinonímia:*** repetir o mesmo pensamento, com palavras ou expressões semelhantes; exemplo: *"Render-te-ei graças entre os povos, os Senhor! Cantar-te-ei louvores entre as nações".* Sl 108.3).

b. ***Antítese:*** é o contraste de pensamentos ou uma comparação; exemplo: *"O preguiçoso deseja e nada tem, mas a alma do diligente se farta."* Aqui temos antítese caracterizada nos adjetivos: preguiçoso x diligente e, por extensão no pensamento apresentado por cada frase, como no resultado da postura de cada um.

c. ***Síntese:*** sintetiza uma idéia ou pensamento, ou mesmo um assunto, a síntese pode ser progressiva, ou seja, o autor vai desenvolvendo de forma mais prolongada o pensamento exposto na síntese inicial. Geralmente, na progressão sintética, ocorre a sinonímia; exemplo: Provérbios cap.1.10-19. Temos uma síntese de pensamento no verso 10, uma progressão a partir do verso 11 e a síntese final nos versos 18 e 19.

d. ***Quiasmo:*** disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases, de modo que formem uma antítese ou um paralelo**.** Tal prática é de uso freqüente na poesia hebraica; exemplo: *"firme esta o meu coração, ó Deus,o meu coração está firme; cantarei e entoarei louvores".* (Sl 57.7);

Observação:

Esse estilo antigo também influenciou os escritores do Novo Testamento. Quando ocorre no contexto neotestamentário denominam-se, geralmente, como hebraísmos (cf., Lc 1.46-55). Verificaremos na prática exegética essas particularidades escriturísticas. Vemos aí parte da riqueza e beleza literária das Escrituras Sagradas.

9. **Dificuldades:** Os paralelismos trazem também dificuldades, que exigem para sua solução uma visão compreensiva da inspiração da Bíblia. O Espírito Santo inspirou os escritores, mas deixou cada um exprimir-se na linguagem e no modo que lhe era peculiar. Daí é que surgem as dificuldades. Cada escritor se impressiona com um aspecto do acontecimento. Cada um tem uma narrativa verdadeira, mas não completa. Compare, por exemplo, as narrativas da tempestade no Mar da Galiléia - Mt 8.25 a 26 Mc. 4.38-40 e Lc. 8.24-25.

Unidade X

ANALOGIA DA FÉ

Marcion um dos pais apostólicos, como critico cristão, não conciliava o Deus no A.T. com o Deus do N.T. Achava que Aquele era justiça e Este era amor. Naturalmente a justiça de Deus está mais acentuada no A.T. e o amor de Deus no N.T., mas é apenas uma questão de ênfase. Há amor no A.T., e há justiça no N.T. Marcion naturalmente deixou de por em prática o importante princípio dos autores neotestamentários, que partiram da própria Escritura para interpretar a Escritura, comparando as novas revelações com as antigas, fazendo, por assim dizer, a sua própria analogia da fé. Como afirma Santo Agostinho: *"A Bíblia se interpreta com própria Bíblia".*

1. **Conceito** - É o sistema geral de doutrinas, derivado da harmonia de todas as partes da Escritura. Ver **2Pe 1:20**. A analogia da fé baseia-se na Unidade das Escrituras. É preciso que a interpretação de qualquer texto esteja de acordo com o ensino geral das Escrituras. Se estiver em desacordo com este ensino geral, a interpretação deve estar errada Isto é um princípio também das demais ciências.

2. **Marcion** - **Justiça e Amor** - crítico do cristianismo. Como crítico cristão, não conciliava o Deus no A.T. com o Deus do N.T. Achava que Aquele era justiça e Este era amor. Naturalmente a justiça de Deus está mais acentuada no A.T. e o amor de Deus no N.T., mas é apenas uma questão de ênfase. Há amor no A.T., e há justiça no N.T.

3. **A Revelação de Deus é Progressiva** - A do N.T. é posterior, portanto é mais desenvolvida. A do A.T. é preparatória para a do N.T. Concluímos, portanto que: a) A revelação posterior explica a anterior - As profecias do A.T. São explicadas em Cristo. b) A revelação mais obscura é explicada pela mais

clara. **A carta aos Hebreus interpreta o A.T. É o primeiro compêndio de Hermenêutica Bíblica.** Num sentido mais prático, os autores no N. T. são hermeneutas do A. T.

a. **Em que consiste a analogia da fé:** consiste na organização das doutrinas bíblicas em um sistema, de modo que: a) Toda a doutrina apareça em mais de um texto. b) As doutrinas com mais preeminência, ou mais freqüentes, são mais importantes.

b. **Valor da analogia de fé** - A analogia da fé serve para aferir a interpretação de cada texto em particular. Nenhuma interpretação deve estar em desacordo com a analogia da fé. Com base em **Tiago 5:14-15** - A Igreja Católica justifica a extrema unção, pois esta é feita na hora da morte. Mas, o **verso 15** diz que a unção é para o doente ficar curado. Não há outro texto que justifique esta doutrina, portanto está em oposição à analogia da fé. **Tiago 5:16** - Este verso é tomado para justificar a confissão auricular, mas aqui se fala de confissão mútua, uns com os outros. Além disso, não concorda com a analogia da fé, porque não há outro texto para base desta doutrina.

Unidade XI

CRITICISMO BÍBLICO

A crítica textual pretende estabelecer o que se escreveu nas versões originais, independente de seu significado ou relevância. A crítica textual serve-se de dois métodos: critérios externos e internos. Os critérios externos consistem nas características físicas dos próprios manuscritos: seu material, antigüidade, estilo de escritura e sua história. Nestes manuscritos podem ser achadas milhares de leituras diferentes. Em 90% dos casos trata-se de questões incidentais, como, por exemplo, a substituição de um sinônimo por outro - o estudo textual interno resolve com facilidade tais problemas textuais.

Os reformistas protestantes desejavam ver a Bíblia nas mãos dos laicos e os tradutores dos séculos XVI e XVII aplicaram-se na busca de manuscritos para garantir as melhores versões. A partir de suas investigações e de manuscritos descobertos no século XVIII, desenvolveram-se os métodos atuais da crítica de textos.

1. **Alta Crítica:** A alta crítica, em síntese, procura determinar a autoria e a integridade do texto dos livros bíblicos (principalmente quando paire qualquer dúvida, ou seja, obscuro); Exemplo: Jó - sua autoria (Moisés, Salomão), história ou ficção; Hebreus - autoria - Paulo, Apolo, Barnabé, Priscila, Áquila; a mulher do profeta Oséias (literal ou figurado); Evangelho de João (João é o autor ou é pseudonímico); a filha de Jefté (Foi sacrificada ou ficou virgem); Daniel (fictício ou histórico, pseudonímico ou não), etc.

2. **Baixa Crítica:** Não se entenda a Expressão "baixa" num sentido pejorativo, como alguns o têm feito. A Baixa Crítica procura, por meio das ferramentas adequadas ao seu uso, restaurar o texto original com base nas cópias do mesmo (quando a versão não é fiel o exegeta deve dar a tradução literal do texto ou da parte que foi adulterada). Lutero, o reformador, já dizia: *"tradutori traitori".*

3. **A Crítica Histórico-literária:** nfatiza as questões de interpretação e de relevância, já que se preocupa com quem escreveu o livro, em quais fontes se baseou o autor, em que medida se trata de fontes fidedignas, o acontecido a estas fontes durante o processo de transmissão e edição e como se alterou a mensagem da palavra bíblica no transcurso deste processo. Em síntese, este método coloca as mesmas interrogações sobre fidelidade e legitimidade que formularia alguém que tentasse determinar a credibilidade de uma afirmação oral ou escrita procedente do passado. A crítica formal é outra dimensão do método histórico-literário. Este conceito se baseia na hipótese de que um texto literário se expressa de diversos modos. Pode-se tanto relatar o mesmo acontecimento num estilo poético, quando se restringir apenas a registrar os fatos. Cada forma lingüística literária tem sua própria legitimidade. Portanto, a existência de uma ampla variedade formal na Bíblia ajuda a defender a "verdade" bíblica contra as objeções de que seu texto está longe de ser uma narrativa uniforme simples e sem adornos dos fatos.

4. **A Crítica Estilística:** Também chamada crítica da redação. É, na verdade, outro aspecto do método *histórico-literário* que passou do Antigo para o Novo Testamento, questionando os procedimentos e motivações dos copistas que trabalharam durante um período de tempo. A crítica estilística limita-se a afirmar que o significado bíblico se desenvolveu nas diversas fases da historia da comunidade da

fé geradora dos textos bíblicos. A tarefa do intérprete consiste em decidir a que época do tempo se refere o sentido étimo do texto.

5. **Estruturalismo:** O estruturalismo, evolução recente na crítica literária, enfatiza o texto em sua forma final e acabada, desviando-se, assim, de sua história. Estuda, também, a correspondência da Bíblia com as literaturas de outras culturas, como se evidencia a partir das estruturas comuns que estes textos assumem ao relatar histórias semelhantes. Sua relevância para a interpretação é significativa, já que tenta chegar a uma psicologia humana universal, sugerindo que um texto pode significar algo além da compreensão de seu autor.

6. **Critério de Averiguação:** Valor das fontes de informação. Para se chegar ao pensamento correto de um texto, ou seja, conhecer a sua real mensagem, o interprete precisa restaurar a verdade. Para isso certos critérios são adotados como:

   a. **Autenticidade**: Há texto cuja autenticidade é discutível, em face de não ser encontrado nos pergaminhos mais antigos (Ex.: Mc 16.9-20; 5:4, a frase [’εν ῎Εφεσο] *em Éfeso,* Ef 1.1, etc.).

   b. **Veracidade** - É preciso saber se o fato narrado no texto é verdadeiro ou é fictício. Há fatos que podem ser comprovados com a história, como por exemplo, o cativeiro babilônico é provado nos cilindros de Ciro o Persa;

   c. **Integridade** - A integridade do texto é verificada de acordo com os originais impressos e, quando se tem acesso, com cópias dos autógrafos (os textos hebreu e grego que possuímos são montados com bases nesses autógrafos antigos. Há cerca de 2500 autógrafos do A.T.

e cerca de 5250 autógrafos do N.T. Tais textos são confiáveis, mas, é preciso certo domínio dos idiomas para poder manuseá-los). Recomenda-se ao pesquisador que não detenha tal conhecimento, que no momento de sua feitura exegética, procure comparar o maior número de versões bíblicas que puder.

Unidade XII

ELABORAÇÃO DA EXEGESE

Sendo a exegese, também, um trabalho monográfico, deverá seguir, em sua elaboração, as diretrizes traçadas para qualquer monografia científica. É claro que se poderão e deverão fazer as necessárias adaptações ao caso especifico da exegese, sobretudo em se tratando da exegese bíblica, que poderá ser feita de acordo com as etapas gerais mencionadas a seguir:

1. **Pesquisa e documentação:** A primeira fonte de pesquisa, no caso da exegese bíblica, está nas diferentes cópias do original. Quando a variação entre manuscritos compromete a coerência interna da mensagem, deverá o exegeta, nesse caso, lançar-se ao trabalho de pesquisa, não só quanto à evidência externa, de acordo com os princípios indicados por **Joseph Angus** nos seguintes itens:

    a. De duas variantes, igualmente sustentadas pela confirmação externa, a mais provável é a que melhor se adapte ao sentido.

    b. De duas variantes, uma fácil e outra difícil, deve esta última ser preferida.

    c. De duas variantes, uma clássica (influência helênica) e outra e outra oriental, esta provavelmente é a melhor.

    d. De duas variantes, igualmente sustentadas, deve-se preferir aquela que melhor concorde com o estilo do autor.[40]

[40] GODOY,op.cit.pp.30,31.

2. **Diferentes traduções:** Outra fonte de pesquisa, no caso específico da exegese bíblica, é constituída pelas diferentes traduções da Bíblia; todavia poderá o exegeta limitar-se às principais traduções, **preferindo aquelas que forem feitas diretamente das línguas originais** (A BLH, Bíblia na Linguagem de Hoje, por exemplo, é paráfrase, não deve ser considerada pelo cientista como fonte de pesquisa final exegética).

3. **A melhor tradução:** O exegeta em seu trabalho deve indicar a tradução que for a melhor para o texto em estudo, justificando, naturalmente, sua indicação, podendo, colocar no seu trabalho, a seguinte seqüência: a) texto original; b) sua tradução interlinear do texto; c) a versão que considerar melhor para o cada trecho do texto. No caso do texto hebraico (prosa e alta prosa), poderá se inicia com uma metrificação do texto, o que dá beleza à forma do trabalho. Não é necessário nem conveniente transcrever na exegese os textos de todas as traduções consultadas, uma vez que tal procedimento, além de não contribuir eficazmente para o entendimento da mensagem exegética, pode ainda confundir o leitor.

4. Quando o exegeta usar os textos originais, deverá transliterar os termos ou vocábulos para facilitar a leitura de seu trabalho, tornando-o acessível ao leigo.

5. **Ordem das fontes consultadas:** Deve o exegeta ter o cuido na elaboração da pesquisa exegética de obedecer um critério de consulta segundo a importância das fontes de pesquisa. Obviamente, umas fontes são mais importantes que outras. Procuramos abaixo listar as fontes de pesquisa, segundo a sua ordem de importância:

Bíblia em textos originais;
Versões em vernáculo do texto canônico;
Textos deuterocanônicos;
Textos pseudo epigrafos;
Léxicos em língua original;
Textos analítico-morfológicos;
Dicionários etimológicos;
Dicionários bíblicos;
Dicionários teológicos;
Comentários Exegéticos;
Comentários hermenêuticos;
Compêndios Teológicos;
Textos profanos.[41]

Observação: Tomar cuidado com os comentários exegéticos e teológicos, pois o texto pode ser tendencioso (o melhor é usar estes recursos só caso de necessidade e nunca se limitar a um único comentarista.). O bom é primeiro fazer o todo o trabalho de pesquisa, para depois, aferi-lo por meio dos comentários, para não ficar influenciado por preconceitos.

6. **Fichamento da Pesquisa:** A documentação de pesquisa é a transcrição em fichas dos **elementos importantes que o pesquisador vai descobrindo em sua leitura. Dependendo da** importância do trecho, a transcrição pode ser ao pé da letra, colocando-se tudo entre aspas, ou como síntese das idéias contidas no texto, dispensando-se assim as aspas. Em ambos os casos, porém, a transcrição será feita com a citação da fonte. A ficha deve trazer o título da matéria nela registrada, para efeito de classificação. E para facilitar a distribuição da matéria, sobretudo no momento de fazer a esquematização. É aconselhável usar somente um lado da ficha e numerá-las seqüencialmente.

[41] Entenda-se profano no sentido de não bíblico ou, não voltado diretamente para as Escrituras.

7. **Esquematização:** A Exegese, como trabalho monográfico, deve constar de três partes essenciais: **introdução, exposição e conclusão.** A **introdução** devera fazer o levantamento de um problema, salientando a sua importância, com a formulação de uma pergunta bem definida e clara. Para ser apropriada e conveniente ao corpo do trabalho, é sempre a última a ser redigida. É a primeira na ordem de apresentação, porém, a última na ordem da elaboração. Quanto à **exposição**, ela constitui a essência do trabalho propriamente dito, não pode ser pré-determinada ou estabelecida, imediatamente após a escolha do texto problema. Somente após a documentação da pesquisa é que se vai fazer o agrupamento das fichas, conforme o conteúdo nelas indicado pelos seus títulos, de onde surgirá, de modo natural o corpo do trabalho com sua divisão, sua titulação e sua ordenação. A exposição, pois, é a concatenação dos argumentos, para fundamentação da questão a ser provocada. A **conclusão** deve ser uma síntese da exposição; não deve ocupar muito espaço, mas, deve evidenciar o ponto de contextuação e enfatizar a resposta ao problema levantado na introdução.[42]

8. **Redação:** Na redação de uma exegese bíblica, bem como em qualquer trabalho monográfico, impõe-se um estilo sóbrio e preciso, importando mais a clareza do que qualquer outra característica estilística. A terminologia técnica só será usada na medida estritamente necessária ou em trabalhos de especializado nível em que ela já se tornou terminologia básica. De qualquer modo, é preciso que o leitor entenda o raciocínio e as idéias do autor sem ser impedido por uma linguagem hermética ou esotérica. Igualmente deve ser evitada a pomposidade pretensiosa, ou verbalismo vazio, as fórmulas feitas e a linguagem sentimental. Em fim, **simplicidade no estilo, precisão na linguagem e**

[42] GODOY,op.cit.p.33.

objetividade nos argumentos, devem ser as marcas de um trabalho monográfico.[43]

Conclusão: A monografia exegética como toda monografia deve possuir uma conclusão. A conclusão é o fechamento do trabalho, portanto, não deve conter material novo, mas deve ser apresentada em forma de solução. Os problemas levantados ao longo da exegese terão sido resolvidos, portanto, de forma resumida o exegeta deve apresentar o resultado final de sua tarefa exegética. Deve apresentar a solução do problema e a realidade prática desta mesma solução, ou seja, a contextuação final do problema apresentado, investigado e provado pelo ferramental exegético.

[43] Idem.pp.33,34

APÊNDICES

APÊNDICE I

Estrutura de Isaías cap.1 (esboço)

2. **A Infidelidade de Judá e Jerusalém 1,1 - 5,30.**

A. O Sobrescrito, 1,1.
B. A Controvérsia do Senhor com o Seu Povo, 1,2-5.
   1. A ingratidão do povo de Israel, 1,2-3.
   2. A nação pecaminosa, 1, 4-6.
   3. A Palavra do Senhor sobre a rebelião e a vida, 1,10-17.
   4. Arrependei-vos, 1,18-20.
   5. Lamento sobre Jerusalém, 1,21-23.
   6. O julgamento da parte do Senhor, 1,24-26.
   7. A operação da justiça divina na vida de Israel, 1,27-31.

APÊNDICE II

Métrica e tradução de Isaías 1.1-20.

[1] חֲזוֹן יְשַׁעְיָהוּ בֶּן־אָמוֹץ אֲשֶׁר חָזָה עַל־יְהוּדָה וִירוּשָׁלָם
בִּימֵי עֻזִּיָּהוּ יוֹתָם אָחָז יְחִזְקִיָּהוּ מַלְכֵי יְהוּדָה׃

Visão de Isaías, filho de Amoz, que viu sobre Judá e Jerusalém, nos dias Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá.

[2] שִׁמְעוּ שָׁמַיִם וְהַאֲזִינִי אֶרֶץ
כִּי יְהוָה דִּבֵּר
בָּנִים גִּדַּלְתִּי וְרוֹמַמְתִּי
וְהֵם פָּשְׁעוּ בִי׃

Ouvi, (ó) céus, e presta ouvidos, (ó) terra,
porque Yhwh diz:
filhos criei e engrandeci,
mas eles estão rebelados contra mim

[3] יָדַע שׁוֹר קֹנֵהוּ
וַחֲמוֹר אֵבוּס בְּעָלָיו
יִשְׂרָאֵל לֹא יָדַע
עַמִּי לֹא הִתְבּוֹנָן׃

Conhece o boi o seu possuidor,
e o jumento o dono da sua manjedoura;
Israel não tem conhecimento,
o meu povo não entende.

[4] הוֹי גּוֹי חֹטֵא
עַם כֹּבֶד עָוֹן
זֶרַע מְרֵעִים
בָּנִים מַשְׁחִיתִים
עָזְבוּ אֶת־יְהוָה
נִאֲצוּ אֶת־קְדוֹשׁ יִשְׂרָאֵל
נָזֹרוּ אָחוֹר׃

Ai! Nação pecaminosa,
povo carregado de iniqüidade,
semente de malignos,
filhos corruptores,
abandonaram a Yhwh,
blasfemaram o Santo de Israel,
voltaram atrás.

[5]עַל מֶה תֻכּוּ עוֹד
תּוֹסִיפוּ סָרָה
כָּל־רֹאשׁ לָחֳלִי
וְכָל־לֵבָב דַּוָי׃

Porque haveis ainda ser feridos,
visto que continuais em rebeldia?
Toda cabeça está enferma,
e todo coração doente.

[6]מִכַּף־רֶגֶל וְעַד־רֹאשׁ אֵין־בּוֹ מְתֹם
פֶּצַע וְחַבּוּרָה וּמַכָּה טְרִיָּה
לֹא־זוֹרוּ
וְלֹא חֻבָּשׁוּ
וְלֹא רֻכְּכָה בַּשָּׁמֶן׃

Desde a planta do pé até a cabeça não há nele integridade,
feridas e contusões e chagas inflamadas,
não espremidas,
e nem atadas,
e nem amolecidas com óleo

[7]אַרְצְכֶם שְׁמָמָה
עָרֵיכֶם שְׂרֻפוֹת אֵשׁ
אַדְמַתְכֶם לְנֶגְדְּכֶם
זָרִים אֹכְלִים אֹתָהּ
וּשְׁמָמָה כְּמַהְפֵּכַת זָרִים׃

Vossa terra (está) devastada,
vossas cidades consumidas de fogo,
vossa lavoura em vossa presença
estranhos devoram-na
e (está) desolada com numa subversão de estranhos.

וְנוֹתְרָה בַת־צִיּוֹן
כְּסֻכָּה בְכָרֶם
כִּמְלוּנָה בְמִקְשָׁה
כְּעִיר נְצוּרָה

a Filha de Sião é deixada
como choça havinha,
como cabana no pepinal,
como uma cidade sitiada.

[9]לוּלֵי יְהוָה צְבָאוֹת
הוֹתִיר לָנוּ שָׂרִיד
כִּמְעָט כִּסְדֹם הָיִינוּ
לַעֲמֹרָה דָּמִינוּ׃

Senão deixasse Yhwh dos Exércitos
um remanescente vivo para nós,
Igual a Sodoma nos tornaríamos;
A Gomorra assemelhar-nos-ía-mos.

[10]שִׁמְעוּ דְבַר־יְהוָה
קְצִינֵי סְדֹם
הַאֲזִינוּ תּוֹרַת אֱלֹהֵינוּ
עַם עֲמֹרָה׃

Ouvi a palavra de Yhwh,
príncipes de Sodoma;
prestai ouvidos a Lei do nosso Deus,
povo de Gomorra.

[11]לָמָּה־לִּי רֹב־זִבְחֵיכֶם
יֹאמַר יְהוָה
שָׂבַעְתִּי עֹלוֹת אֵילִים
וְחֵלֶב מְרִיאִים
וְדַם פָּרִים וּכְבָשִׂים
וְעַתּוּדִים לֹא חָפָצְתִּי׃

Que é para mim a multidão dos vossos sacrifícios?
Diz Yhwh.
Estou farto dos holocaustos de carneiros
e da gordura de animais cevados,
e do sangue de touros e de cordeiros
e de bodes não tenho prazer.

[12]כִּי תָבֹאוּ לֵרָאוֹת פָּנָי
מִי־בִקֵּשׁ זֹאת
מִיֶּדְכֶם רְמֹס חַצֵרָי׃

Quando vindes perante minha face,
Que procurou isto de vossas mãos
O pisardes em meus átrios

[13]לֹא תוֹסִיפוּ הָבִיא מִנְחַת־שָׁוְא
קְטֹרֶת תּוֹעֵבָה הִיא לִי
חֹדֶשׁ וְשַׁבָּת קְרֹא מִקְרָא
לֹא־אוּכַל אָוֶן וַעֲצָרָה׃

Não continueis a vir com ofertas vãs;
o incenso é abominável para mim,
festa de lua nova e sábado, convocação da congregação;
não posso suportar iniqüidade e assembléia solene

[14]חָדְשֵׁיכֶם וּמוֹעֲדֵיכֶם
שָׂנְאָה נַפְשִׁי
הָיוּ עָלַי לָטֹרַח
נִלְאֵיתִי נְשֹׂא׃

Vossas luas novas e festas da congregação,
aborrecem minha alma ,
são para mim como um peso;
estou cansado (deste) fardo.

[15]וּבְפָרִשְׂכֶם כַּפֵּיכֶם
אַעְלִים עֵינַי מִכֶּם
גַּם כִּי־תַרְבּוּ תְפִלָּה
אֵינֶנִּי שֹׁמֵעַ
יְדֵיכֶם דָּמִים מָלֵאוּ׃

Quando estendeis vossas mãos,
escondo meus olhos de vós;
também quando multiplicais orações,
eu não ouço,
vossas mãos de sangue estão cheias

[16]רַחֲצוּ הִזַּכּוּ
הָסִירוּ רֹעַ מַעַלְלֵיכֶם
מִנֶּגֶד עֵינָי
חִדְלוּ הָרֵעַ׃

Lavai-vos, purificai-vos,
tirai a maldade dos vossos atos
de diante de meus olhos,
cessai-vos do mal.

[17]לִמְד֣וּ הֵיטֵ֔ב
דִּרְשׁ֥וּ מִשְׁפָּ֖ט
אַשְּׁר֣וּ חָמ֑וֹץ
שִׁפְט֥וּ יָת֛וֹם
רִ֥יבוּ אַלְמָנָֽה׃

Aprendei o bem,
atendei a justiça,
repreendei o opressor,
defendei (o) órfão,
pleiteai (pela) viúva.

[18]לְכ֤וּ־נָא֙ וְנִוָּכְחָ֔ה יֹאמַ֖ר יְהוָ֑ה
אִם־יִהְי֤וּ חֲטָאֵיכֶם֙ כַּשָּׁנִ֔ים
כַּשֶּׁ֖לֶג יַלְבִּ֑ינוּ
אִם־יַאְדִּ֥ימוּ כַתּוֹלָ֖ע
כַּצֶּ֥מֶר יִהְיֽוּ׃

Vinde, agora, e arrazoemos, diz Yhwh;
se forem os vossos pecados como a escarlata,
como a neve tornar-se-ão,
se forem vermelhos como o carmesim,
como a lã tornar-se-ão.

[19]אִם־תֹּאבׇ֖ו וּשְׁמַעְתֶּ֑ם
ט֥וּב הָאָ֖רֶץ תֹּאכֵֽלוּ׃

Se quiserdes e ouvirdes,
bem nesta terra comereis

[20]וְאִם־תְּמָאֲנוּ וּמְרִיתֶם
חֶרֶב תְּאֻכְּלוּ
כִּי פִּי יְהוָה דִּבֵּר׃

Se recusardes e fordes rebeldes,
espada vos devorará;
porque a boca de Yhwh disse.

APÊNDICE III

ANÁLISE DO SALMO PRIMEIRO

Análise morfológica e tradução:

[1]אַשְׁרֵי־הָאִישׁ@Pi+Pa+ncmsa אֲשֶׁר@Pr לֹא@Pn הָלַךְ@vqp3ms בַּעֲצַת@Pp+afsc רְשָׁעִים@ncmpa וּבְדֶרֶךְ@Pc+Pp+ncmsa חַטָּאִים@Pa+ampa לֹא@Pn עָמָד@vqp3pms וּבְמוֹשַׁב@Pc+Pp+ncmsc לֵצִים@vqPmp לֹא@Pd יָשָׁב@vqp3ms [2]כִּי@Pc אִם@Pd בְּתוֹרַת@Pp+ncfsc יְהוָה@npa חֶפְצוֹ@ncmsc+S3ms וּבְתוֹרָתוֹ@Pc+ncfsc+S3ms יֶהְגֶּה@vqi 3ms יוֹמָם@ncmsa [3]וְלַיְלָה@Pc+ncmsa וְהָיָה@Pc+vqq3ms כְּעֵץ@Pp+ncmsa שָׁתוּל@vqsmsa עַל־פַּלְגֵי@Pp+ncmpc מָיִם@ncmpa אֲשֶׁר@Pr פִּרְיוֹ@ncmsc+S3ms יִתֵּן@vq3ms בְּעִתּוֹ@Pp+ncfsc +S3ms וְעָלֵהוּ@Pc+ncmsc+S3ms לֹא־יִבּוֹל@Pn+vq3ms וְכֹל@Pc+ncmsa אֲשֶׁר־יַעֲשֶׂה@Pr+vqi3ms יַצְלִיחַ@vhi3ms [4]כֵּן־לֹא@Pn+pd הָרְשָׁעִים@amsa כִּי@Pc אִם־כַּמֹּץ@Pd+Pc+ncmsa אֲשֶׁר־תִּדְּפֶנּוּ@Pr+vqi3fs+S3ms רוּחַ@ncbsa [5]עַל־כֵּן@Pp+Pd לֹא־יָקֻמוּ@Pn+vqi 3mp רְשָׁעִים@ampa בַּמִּשְׁפָּט@Pp+Pa+ncmsa וְחַטָּאִים@Pc+ncmpa בַּעֲדַת@Pp+ncfsc צַדִּיקִים@ampa [6]כִּי־יוֹדֵעַ@Pc+vqPms יְהוָה@npa דֶּרֶךְ@ncbsa צַדִּיקִים@ampa וְדֶרֶךְ@Pc+ncbsa רְשָׁעִים@ampa תֹּאבֵד@vqi3ms.

COMENTÁRIOS

INTRODUÇÃO

Este salmo apresenta, de forma antitética, uma comparação entre o bem e o mal. Põe ante o seu leitor uma proposição de vida abundante o de morte, bênção e maldição. O homem pode viver em vida de retidão, nesse caso, colherá *"felicidade"* evitando o caminho do mal, que redunda em miséria e ruína. O salmo fala da diferença de caráter entre o homem piedoso (que observa a Torah) e do homem infiel que persevera no mal. Cada homem que ler este salmo, irá se deparar com uma espécie de alto retrato da alma, este há de ver as marcas da fé e da piedade, aquele a caricatura do mal e

o prenúncio da desgraça. É a antítese entre o santo e o pecador, o íntegro e o injusto, o servo de Deus e o servo de belial.

Não se conhece a autoria deste salmo, pois não há nenhuma epígrafe nem há um texto que identifique o seu autor, pressupões-se seja muito antigo, provavelmente, do período da monarquia (IX séc.). Os salmos foram utilizados no culto divino desde tempos mui remotos e, por Davi foram introduzidos na liturgia (cf. Ed 3.10-11).

Quem compilou a coletânea dos Salmos (provavelmente Esdras), por uma boa razão pôs este salmo como um prefácio ao restante do livro, porque é absolutamente necessário para aceitação de nossa devoção que sejamos íntegros ante a Deus (porque é somente o coração piedoso lhe agrada). A razão da nossa bem-aventurança está na escolha da conduta.

ESBOÇO DO SALMO

TÍTULO: O SALMO DOS DOIS CAMINHOS

ESBOÇO:

A. A felicidade daquele que persevera na lei – vv.1-3.
B. A miséria do homem maligno – vv. 4-5.
C. O fim a do ímpio e a recompensa do justo – vv.6.

Por apontar o cainho do justo e o caminho do injusto, o justo anda na Lei do Senhor (Torá), o injusto anda na inclinação dos seus próprios desejos perversos. Alem do aspecto antitético, vemos aí o paralelismo sinonímico (veja-se, ímpios, pecados, escarnecedores) e também sintético (compare-se o verso primeiro com verso sexto pelas expressões: “bem- aventurado é o homem.” Com: “o Senhor conhece o caminho dos justos” e: “não anda no conselho dos ímpios” e: “o caminho dos ímpios perecerá”. Os verbos, andar, permanecer, sentar, dão uma idéia progressiva e gradativa do

pecado, aquele que acata um conselho (ímpio), acaba na companhia dos que zombam de Deus (escarnecedores). Um pecado não deixado, sempre conduz a falta pior e maior, "um abismo chama outro abismo". A palavra de contraste a ser observada, em relação ao justo é "antes anda na lei do Senhor e na Sua lei medita de dia e de noite".

ESTRUTURA

Em relação à lei de Javeh (Torah) חֶפְצוֹ - seu prazer está na Lei.

Conseqüências

1. Árvore – vida
2. Não murcha – permanência
3. Dá fruto – fartura
4. Bem sucedido – Prosperidade
5. Javeh – conhece seu destino

Justos

1. Plantados – estabelecidos
2. Corrente de Águas – A Torá
3. דֶּרֶךְ caminho, rota, destino do crente ou do ímpio (cristologia/ eleição/ soteria)

Ímpio

1. Palha – sem valor
2. Eirado – dispersa
3. Não prevalece – no juízo
4. Não permanece – na congregação (ajuntamento solene/ekklesia)
5. Perecerá – morte (cristol. morte eterna/escatol./ "perdição")

ANTÍTESES	
Justo	Ímpio
Prazer	Palha
Medita	vento
Lei	Dispersa
Caminho conhece	Caminho perece

Versos 1-3

I. A felicidade daquele que persevera na lei

1. **Não tem qualquer sociedade com o injusto:** Uma descrição do espírito do homem religioso e modo pelos qual somos tentados. O Senhor conhece os que sãos seus, mas nós os temos que conhecer pelo seu caráter; O caráter de um homem bom está aqui determinado por escolher Lei de Javeh e caminhar nos seus estatutos.

   a. Esse homem, segundo a Torá, traça o seu caminho (*déreche*), evita o mal, e renuncia totalmente a companhia de mal-feitores, não será por eles conduzido; ele não receberá seus conselhos.

   b. Os injustos (que não observam a Torá) são descritos por três adjetivos: ímpios (descrentes), pecadores (que vivem na prática do mau), escarnecedores (que zombam das coisas sagradas [da Lei e de Deus]). Veja-se que o homem não alcança a plenitude da maldade de uma vez, mas, vai passo a passa, de mal a pior, até chegar a zombar de Deus, mas *"de Deus não se zomba".* Eles são primeiro descrentes, não temem a Deus e vivem na negligência do dever, mas, não param por aí. Quando a fé é posta de lado, tornam-se pecadores, na rebelião aberta contra Deus e se ocupam do serviço do pecado. Omissões constituem

comissões, corações endurecidos por longo tempo geram o espírito escarnecedor. Eles desafiam abertamente aquilo é sagrado, ridicularizam a religião, e fazem gracejo do pecado. Assim vai sempre em escala descende o iníquo; não se contentam com o seu próprio pecado, tornam-se tentadores (dos outros) e defensores do mal. A palavra *Resha'im,* compreende aquele que é desprovido de fé e que não tem regra moral que o dirija, mas está ao comando de toda luxúria do pecado e da tentação. A palavra *hata'im* significa aquele que é praticante do pecado; o pecado é como se fora seu comércio. Os *letsim*, escarnecedores são aqueles que levantam a boca contra os céus.

c. O homem bom os contempla com tristeza de coração; eles são um vexame, um peso para alma íntegra do justo. Ele os evita onde quer que os veja. Ele não anda com eles e, com eles não quer nenhuma conversa ou familiaridade. Ele não anda no conselho do descrente. Eles são engenhosos e instruídos como a descendência de Caim, sutis e instruídos para o mal (Gn 4.17-24). Ele não consente com eles, nem concorda com o seu conselho, como José de Arimatéia (Lc 23.51).

d. Ele não para no caminho dos pecadores evitará praticar o que eles praticam; não caminhará com eles, manter-se-á afastado de suas presenças, pois, até no seu leito eles maquinam o mal (Sl 36.4). Ele não quer nenhuma sociedade com eles. Pois, quer andar na integridade e, ser conduzido pela lei de Deus (Sl 7.8; 119.105); mantém-se tão longe deles quanto de um lugar ou pessoa contaminada, por medo do contágio (Pv 4:14-15).

e. Ele não se assentará com o escarnecedor; não repousará com eles, pois, orgulham-se da sua maldade, escarnecem de suas próprias consciências. Ele não se associa com esses, pois, assentam-se para conspirar contra o inocente e para condenar a geração do íntegro. O assento dos bêbedos é o assento do escarnecedor (Sl 69.12; Os 7.5).

Verso 2

2. **O seu prazer está na Palavra de Deus**

a. O homem bom se submete à direção da palavra de Deus; isso para ele é um prazer e não um peso. A meditação constante na Palavra de Deus o mantém fora da prática do mau e o fortalece contra as tentações: *"pelas palavras dos teus lábios eu me tenho guardado do caminho do violento"* (Sl 17.4). Nós não precisamos do companheirismo dos pecadores, para prazer ou para melhoria, quando temos o companheirismo com a palavra de Deus e com o próprio Deus e pela sua Palavra vivemos (Pv 6.22). Ã luz da reflexão deste Salmo, Devemos fazer as seguintes perguntas: "O que é a lei de Deus para nós? Que nós conta fazemos disto? Que lugar tem isto em nós?"

b. O integral afeto do homem piedoso para com a lei de Deus: Ela é sua delícia. Ele se encanta por ela, entretanto, é uma lei, um jugo, mas, é a lei do Deus Santo, por isso, ele consente livremente em acatá-la e, assim delicia-se nela; ele a interioriza à medida que nela medita (Sl 119.97; Rm 7.16,22).

c. Ele vive em constante meditação, dia e noite, enquanto caminha, ou levantado ou deitado (Dt 6.7). A lei (Torá), não lhe é enfadonha, cansativa ou pesada, por isso

mesmo é alvo da sua constante meditação. Quando o crente ama a Palavra de Deus; nela medita constantemente, a conseqüência é uma vida abençoada e abençoadora.

Verso 3

3. Sua vida será próspera e abençoada

a. *"Será como uma árvore plantada junto a um córrego de águas..."*. Essa metáfora é muito rica, e o campônio estava muito bem familiarizado com esta linguagem. Árvore para o oriental é símbolo de fertilidade, benção, de prosperidade. Também no contexto bíblico a árvore simboliza o justo (Sl 92.12,13; Is 61.13). Uma árvore plantada junto a um ribeiro de águas estará sempre verde pejada de frutos. O homem que medita na Lei de Deus *"de dia e de noite"* será fértil, terá muitos filhos (os filhos são os frutos), símbolo da benção Deus. O homem e a mulher que tinham uma família numerosa eram considerados por todos como agraciados por Deus (Sl 127, 128). Também terá uma vida próspera, a prosperidade material, no contexto veterotestamentário, era um indício da benção e do favorecimento divino na vida de um homem, por isso Jacó/Israel, inclui nas suas pretensões de sucesso, a prosperidade material, fazendo um voto, voto esse que cumpriu com solene fidelidade (Gn 28.22).

b. O justo é estabelecido por Deus como uma árvore junto a um ribeiro de água (a graça de Deus comunicada pelo E. Santo na vida do crente (*cf.* Jo 7.38). Nos também fomos plantados (enxertados) pelo Senhor e fim de nossa vida é sermos frutíferos como árvores junto ao rio, pois fomos enxertados na oliveira e nos tornamos participantes de

sua seiva(Rm 11.17), por isso o nosso vigor não fenece: *"sua folhagem não murcha"*, pois Jesus e essa fonte nos irriga a cada dia. Estes ramos (nós) eram por natureza azeitonas selvagens, mas, foram enxertadas, e assim as (nos) plantou por um poder de acima.

c. Tudo quanto o homem justo faz prospera, ele *"será bem sucedido"*. O sucesso do crente fiel está garantido por Deus, pois não é movido pela ambição, mas pelo desejo de servir a Deus e repartir o que tem com o pobre e o necessitado (Sl 37.25). Se olhar para os homens de Deus na história de Israel, a marca da prosperidade se verá por toda parte: "*Enriqueceu-se o homem, prosperou, ficou riquíssimo"* (Abraão cf. Gn 26.13); *"apenas o meu cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois bandos"* (Jacó cf. Gn 32.10); *"Também até o que me não pediste eu te dou, tanto riquezas como glória; que não haja teu igual..."* (Salomão cf. 1Rs 3.13).

II. A miséria do homem maligno (vs. 4-5)

4. A diferença dos ímpios, *"não são assim..."*

Há uma substancial diferença entre o justo e o ímpio. O justo é como *árvore "cuja folha não murcha"* ao passo que o ímpio é como *"palha que o vento dispersa"*. Secundo os comentaristas, era comum na Palestina antiga, construírem-se as casas com um terraço, eirado (cf. Js 2.6; Jz 9.51; Sm 9.25, etc.).

Eles recolhiam o trigo, punham sobre este eirado e, esperavam até que secasse, então, batiam-no com a vara e, depois o deixavam ali misturado com a palha, até que o vento viesse e dissipasse a palha, deixando o grão. A palha levada pelo vento simboliza o infiel, o trigo deixado pelo vento simboliza o fiel. Semelhante a palha é a árvore ou ramo que não

produz *"fruto"* ou *"bom fruto",* é cortado (a), lançado (a) no fogo (Mt 3.10; Jo 15. 2,6). O justo frutifica no espírito (Gl 5.22,23) mas, o ímpio não da fruto, e, se porventura der, será fruto maligno, obras da carne (Gl 5.19-21).

III. O fim assim do ímpio e a recompensa justo (v.6)

6. Deus conhece o (*derech* – caminho, rota, destino) dos justos. כִּי־יוֹדֵעַ יְהוָה דֶּרֶךְ צַדִּיקִים – *"Porque, conhece Javeh o caminho dos justos"* - Essas expressões denotam o cuidado de Javeh com relação aos justos, na verdade o justo não dá um passo fora das vistas de Deus, é coberto com a sua graça, cercado como por uma sebe (cerca, cf. Jó 1.10). O justo, permanecerá *"congregação",* ao passo que o ímpio não prevalecerá no juízo. A esperança do justo era ressurgir no tempo do messias, não é por acaso, que este Salmo é sucedido por um Salmo messiânico. Javeh garantiria, o destino abençoado para o justo (Sl 34.5; 118.20; 146.8, etc).

וְדֶרֶךְ רְשָׁעִים תֹּאבֵד - *"mas (o) caminho dos ímpios (fará) perecer".* Javeh não somente abandona o ímpio à sua própria sorte, mas, Ele mesmo fará com que o ímpio pereça, pois ele faz distinção entre o justo e o ímpio. O ímpio não permanecerá, será extinto (cf. Gn 18.23; Jó 3.16; Sl 9.5; 37.10). Do ponto de vista veterotestamentário, esse juízo parece mais afeto à esta vida terrena e os infortúnios que lhe advirão (Sl 34.21). Do ponto de vista cristológico, havemos de considerar as penas eternas (Mt 8.12; 13.50; 25.41; Lc 13.28; Jd 1.7, etc.).

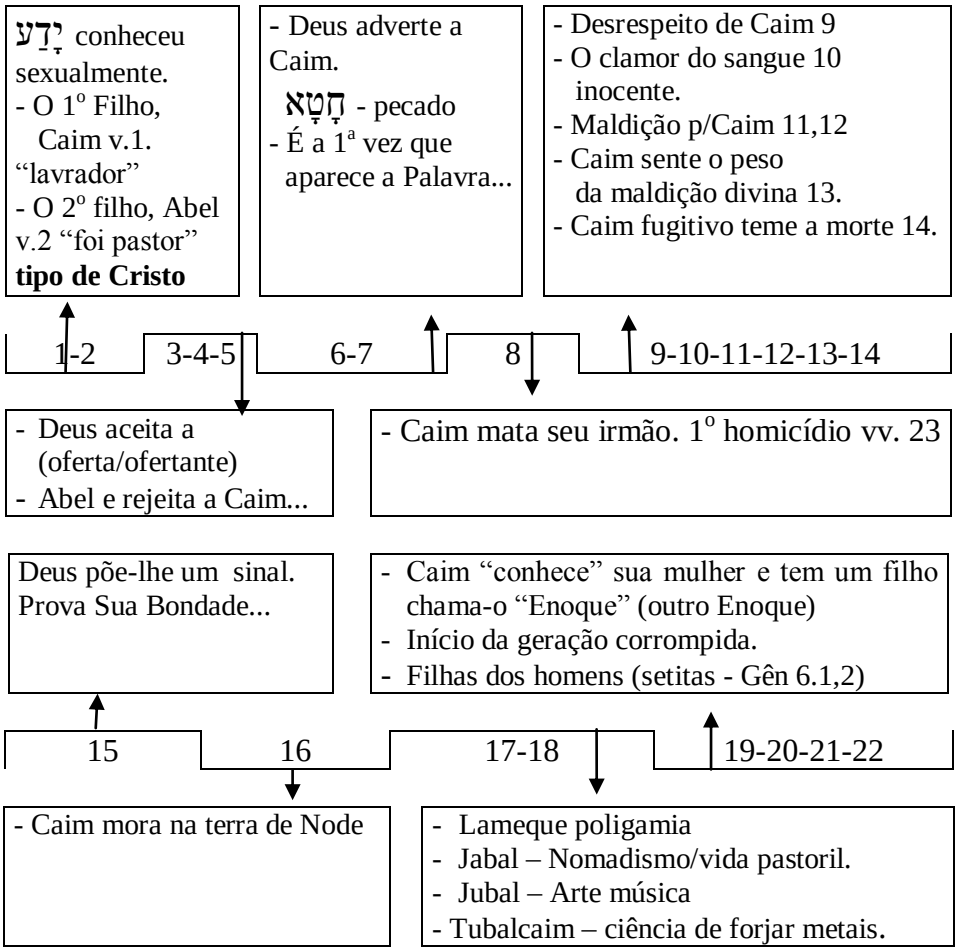
Assim que este salmo nos fala, de forma antitética, de dois estilos diferentes de vida, e os resultados que de cada uma se colhe. O justo, da justiça colhera a Graça e Favor divinos, o injusto, da sua injustiça colherá o infortúnio e o Juízo divino. O justo tem os cuidados de Javeh, que o guia com seu olhar paterno e o acompanha em sua trajetória de vida, o outro, anda

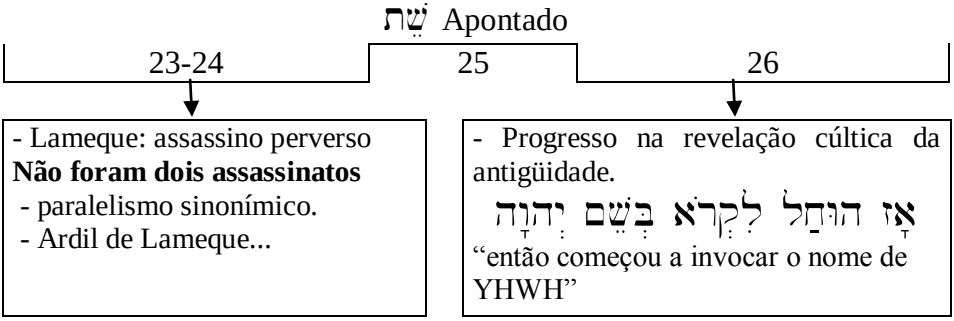
"longe" dos olhares e da face bondosa de Javeh e será alvo da desgraça; ele perecerá.

APÊNDICE IV

Gênesis 4 - Análise (reminiscências do culto/1º homicídio/linhagens)

1. Estrutural





2. Análise Sociológica:

I. Aspectos a serem Verificados

1. Aspecto Religioso
2. Aspecto Cultural
3. Aspecto Econômico
4. Aspecto Político
5. Aspecto Social

I. Aspecto Religioso

"Não existe âmbito da vida humana que esteja fora do alcance da religião, visto trata-se de uma experiência total e totalizante" – Tillich.

1. Elementos fundantes da religião de Abel e Caim:

a. Divindade – O Deus YHWH - v.3;
b. Oráculos humanos – Adão e Eva – vv.1,2;
c. Reminiscência cúltica – Sacrifício de YHWH – 3.21;
d. Pacto celebrado – Pacto da Obras (obediência) - 2.16,17;

2. Apreensão do fato religioso:

a. **família - exemplo paterno** – caps.1-3;

b. **Revelação geral:**
- metafísico – consciência – vv.13,14;
- constatação – na obra da criação

c. **Revelação Especial:**
- Palavra de YAWH – Deus usava o verbo – vv.6-16;
- Ato de YHWH – sacrifício (narrado pelos pais) – 2.21;
- Comunicação – verbal/oral (Adão, Eva o próprio YHWH);

3. Elemento doutrinal:

1. Necessidade do culto - teolatria (monoteísmo);
2. Rudimentos do culto - ofertante/oferta-cruento/incruento – v.2.4;
3. Manifestações da Divindade - Graça e Juízo – vv.5,6
4. Progresso da doutrina do pecado - *hamartiologia* – vv.7,13;
5. Permanece o Pacto das obras - *"se procederes bem serás aceito"* – v.7;
6. Progresso do culto - *"começou a* ***invocar*** *o nome do Senhor"* (26 – verbo *qara'* – clamar, proclamar, invocar);

II. Aspectos Culturais:

"A religião é a substância da cultura, e a cultura é a forma da religião" - Tillich

1. Fonte Primária da Cultura - a família – vv.1,2;
2. Elementos culturais transmitidos:

Religião:
- relato Teocosmogônico – caps.1,2;
- a queda e suas conseqüências – cap.3
- forma de culto – 2.21.

3. **Atividades culturais:**

a. Comunicação – todos falavam a mesma língua (Gen 11.1)
b. Lavrar – 2.15; 3.17,18; 4.2;
c. Apascentar – vv.2;20;
d. Construir - cidades, tendas (nomadismo) – vv.17,20;
e. Urdir tecido (para tenda e vestes);
f. Forjar mentais – v.22;
g. Confeccionar instrumentos – v.21;
h. Fazer música – v.21;
i. Casar: monogamia - endogamia - exogamia - poligamia – 2.18-25;4.1,17,19;

III. Aspectos Econômicos:

1. Relação de trabalho – (progresso)
a. Agricultura – v.2;
b. Ovinocultura – vv.2,20;
c. Urdidura – v.20;
d. Olaria – v.17;
e. Construção civil – v.17;
f. Artesanato – vv.20-22;

3. Propriedade:

a. Terra - pertencia a todos. Era um bem público (provavelmente quem lavrava demarcava uma área);
b. Cidade (devia ser edificada próxima à rios ou lagos - depreende-se que cada um devia ser possuidor de sua morada, fosse casa de barro, pedra, madeira ou pano;

c. Campo - era pasto livre (certamente os nômades, que todo o tempo habitavam em tendas, armavam-nas também nos campos).

IV. Aspectos Políticos:(autônomos)

1. Autonomia religiosa - cada homem prestava culto quando queria e exercia o sacerdócio (Caim e Abel – ninguém oficiou por eles) – v.3-5;

2. Autonomia civil - não havia lei (poder de milícia) para cercear, coibir ou punir, portanto, civilmente não havia infração – não havia poder civil, cada homem governava-se a si mesmo e aos seus bens – vv.8,23;

3. Autonomia de produção - cada um produzia o que tinha necessidade, segundo a sua perícia pessoal (pode-se depreender que houvesse um comércio rudimentar)– vv.1, 2, 17, 20,21;

V. Aspectos Sociais

1. Vida no lar - O homem era "o cabeça", ordenava sobre a mulher e os filhos - 3.16;
2. Trabalho - todos trabalhavam. A mulher, certamente no serviço doméstico e no cuidado aos filhos, o homem: lavrava, apascentava, forjava, urdia, etc.
3. Religião - no princípio, teolátrica e monolátrica (um só Deus/um só culto). O culto era rudimentar, pois estava em fase de desenvolvimento;
4. Habitações - Casas de materiais diversos, tendas; no campo ou na cidade;
5. Alimentação - verduras, vegetais, frutas, leite;

6. Locomoção - o homem, ainda não havia se afastado, senão uns poucos quilômetros, de sua região nascitura;
7. Convívio social - família, no mesmo clã, com indivíduos de outros clãs;
8. Casamento - monogamia, depois, poligamia;
9. Conflito social - morte (assassínios);
10. Estratificação social - A sociedade está estruturando-se com o crescimento populacional. Com o aparecimento das demandas do dia a dia, o homem está desenvolvendo sua criatividade, transformando a matéria (urdir, modelar, forjar) e, modificando a paisagem (cidade).

CONCLUSÃO

A título de conclusão queremos dizer, que o que temos exposto até aqui, constitui apenas a base, ou fundamento rudimentar da exegese. O trabalho exegético em si é complexo e requer muita dedicação e boa vontade por parte daquele que deseja encetar uma feitura exegética. Em linhas gerais, o acima exposto, inclusive os exemplos em apêndice, tem por fim, orientar o estudioso a que procure praticar a leitura científica do texto bíblico com o fito de conhecê-lo de forma mais abrangente, buscando dirimir as suas limitações enquanto estudante das Sagradas Letras.

Em seqüência a esse estudo, dever-se-á desenvolver um trabalho prático de exegese, com análise de textos originais, comentário exegético, trabalho de pesquisa e fichamento do material coletado. Procurando, ao longo do desenvolvimento exegético, o aprendiz, colocar em prática as técnicas apreendidas, na medida das suas potencialidades, pois, cada estudioso, obviamente lida com as suas limitações. É importante, contudo, em se tratando do estudo da Escritura, que o estudioso tenha a consciência de haver, mesmo, honestamente, esgotado todos os seus limites; por isso mesmo, a feitura exegética, verificar-se-á, "exaustiva" e laboriosa, porém, extremamente gratificante.

BIBLIOGRAFIA

ARCHER, Gleason. *Encicloplédia de Dificuldades Bíblicas.* São Paulo: Vida, 1998.

Autores diversos. *Cadernos. Bíblicos.* São Paulo: Paulinas, 1983.

KITTEL, R., *Bílbia Hebraica Stuttgartensia.* Germany, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft,1997.

BACON, Betty, *Estudos na Bíblia Hebraica.*São Paulo: Vida Nova, 1991.

BUDDE, Rollenbeg. *Gramática Elementar da Língua Hebraica.* São Paulo: Sinodal, 1988.

DINOTOS, Sábado. *Dicionário Hebraico Português.* São Paulo: Imprensa Metodista, 1962.

FEE, Gordon D & STUART douglas. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 2000.

GODOY, Ademar de Oliveira. *Prática Exegética, Noções Elementares.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

HARRIS, R Laird, ARCHER Gleason L Jr & Bruce K. WALTKE, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998.

KERR, Guilherme. *Gramática Hebraica Elementar.* São Paulo: Juerp, 1978.

OLIVEIRA, Ademar. *Prática Exegética.* São Paulo: CEP,

19990.

LUND, E & NELSON P. C. *Hermenêutica.* São Paulo: Vida, 2000.

MERRILL C. Tenney, *O Novo Testamento Sua Origem e Análise*.São Paulo: Nova Vida, 1998.

PAGE H. Kelley, *Uma Gramática Introdutória*, Rio Grande do Sul: Sinodal e IEPG, 1998.

POLIGLOTA, *Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2003.

REINECKER, Frits & ROGERES, Cleon. *Chave Lingüítica do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova,1985.

ROBERT H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

STRONG, A. H. *Lexicon Hebrew Old Testament*, Bíblia On Line 2.1. Rio de Janeiro: SBB, 1999.

WALVOORD John f. & ZUCK Roy B., *The Bible Knowledge* (Wheaton, Illinois: Scripture Press Publications, Inc.) 1983, 1985. Logos Bible 2.1.

WALTER C. Kaiser Jr. & MOISÉS Silva, *Introducao à Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristâ, 2002.